



O DISCURSO DO PROF. MEIRA «IDE CONFIANTE E SEREIS VITORIOSOS»

Meus jovens Colegas!

Com estas palavras iniciou o Prof. Alves Meira sua saudação aos Doutorandos de 1958 da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

«O BISTURI» condensa, abaixo, o eloquente discurso proferido pelo grande mestre.

De início, agradecendo a escolha, lembrou que «uma forte amizade liga-o à turma de 1958, que conta entre seus componentes com um seu filho dileto» Relembrou, em seguida, sua formatura, quando, semelhantemente, seu pai, o saudoso Professor Rubião Meira, fora paraninfo.

Traçou o perfil da vida deste, verdadeira lição e

vigoram; o entusiasmo pela profissão que não se extingue, antes mais se inflama com o perpassar dos tempos; a capacidade desenvolvida de observação, a rapidez de raciocínio, a clareza de inteligência, que a cultura só faz ampliar, a intuição que é inata, no Médico por vocação, a firmeza de caráter e o senso de humanidade, características morais que enaltecem a sua personalidade, fatores estes que, cedo ou tarde, levam à vitória.

Lembrou ainda como seu pai «conhecia a psicologia dos enfermos e praticava a psicoterapia médica com êxito, graças não só aos seus conhecimentos, como sobretudo pela confiança e ascendência que como médico afamado infundia aos

veis, são igualmente grandiosas, possuem encantamentos e atrativos, trazem recompensas espirituais e conforto íntimo do cumprimento de uma nobre missão, embora exijam sacrifícios e dedicação de verdadeiro apostolado. Mas, são, uma e outra, de tal forma absorventes nos dias atuais em que o progresso da técnica médica e o avanço das doutrinas científicas se avolumam incessante e rapidamente, que não é mais possível à capacidade humana dar conta inteiramente dos setores em que se diversificam as atividades respectivas da prática médica, como deve ser exercida, e da carreira universitária, como tem de ser cumprida»

Parafraseando Osler, disse o insigne orador: «O exercício da medicina será para cada um de vós aquilo que

dêle souberdes fazer; a um, preocupação importuna e perpétua contrariedade; a outro, um conforto de todos os instantes, e a maior plenitude da vida a que pode aspirar o homem».

Evocando as palavras, há trinta anos, proferidas pelo inesquecível Prof. Rubião Meira, assim finalizou o paraninfo sua oração: «Não vos digo adeus. Dizeis adeus os que partem para não voltar mais e vós estareis sempre comigo, dentro de mim. Vós não partis, apenas acabais a vossa vida de estudante. Amanhã, sois médicos como eu. Tendes que me ouvir sempre, com o mesmo respeito, com que os filhos precatam as vontades paternas. Sois todos meus filhos, porque dentre vós está meu filho».

«Ide confiantes e sereis vitoriosos».

Referindo-se ao paraninfo da Turma, Prof. João Alves Meira, teve ocasião de dizer, ao cumprimentá-lo:

«Ao nobre professor João Alves Meira, sintetizando em sua pessoa a imagem do mestre ideal, mercê de suas qualidades morais e intelectuais, cabalmente demonstradas, como conhecedor profundo da ciência que rege, pela honestidade de seus ensinamentos, pela modestia — como amigo e orientador, por um curso excelentemente planejado e executado, as profundas conhecimentos dos formandos».

Como prova de admiração dos novos médicos ao Prof. Meira disse ver sintetizadas nele as qualidades de um grande mestre: conservar e dar aos alunos os ensinamentos e o ideal, e manter sua posição como exemplo a ser seguido, no exercício da profissão médica.

«Os estudantes esperam de vós mestres, talvez mais do que deveriam. Severas críticas, muitas vezes, vos são formuladas. Porém podeis estar certos que eles aguardam, ansiosamente, uma atitude vossa, uma lição vossa para fazerem eclodir os aplausos profusos, dos quais vós por certo sois merecedores».

No tema central de sua oração, o doutorando Wilian Nicolau apresentou o problema muito atual do estado de pseudo-socialização da medicina brasileira, sujeita às influências estranhas, à mercê da politicagem: «Em nosso sistema, o médico é u'a máquina, à qual se aplicam alguns níqueis, à cata de uma cura rápida. O paciente representa apenas um número que, o mais rápido possível, o médico deve despachar, pois o tempo é exíguo e os números são muitos. Torna-se impossível o conveniente tratamento do contribuinte, dada à sua elevada quantidade. Vê-se então nessa contingência de, abandonando os supostos benefícios que o Instituto lhe traz, procurar, agora já com recursos próprios, alguém que mais atenção lhe possa dar. Assim o doente paga por um benefício que não recebe e o médico, em um trabalho exaustivo, é remunerado por um bem que, realmente, não presta».

E, na sua opinião, como deve ser corrigido o êrre: «Entreguemos a direção dos Institutos a quem deva, de fato, dirigi-los: o Médico».

Continuando, salientou o papel de revolta íntima que assume a observação por parte do jovem médico do panorama geral da situação atual, descontrolada, no exercício da medicina, procurando sanar os nossos problemas médico-sanitários. Mas, acrescentou:

«Seria esta uma época de transição, a qual precede os surtos de progresso e à qual estão sujeitas todas as nações de grande potencial humano e econômico? Ficaríamos assim, justificados os excessos que citamos?»

Oxalá assim o fôsse, e então não comportaria o fio de uma espada, mas sim, sessenta anos

de orações. Rezemos, portanto, para que assim seja».

Saudando o Governador, Dr. Jânio Quadros, fez questão de salientar a confiança que a sua turma nêle deposita, como conhecedor dos aludidos problemas e a esperança em seu empenho para resolvê-los.

Em continuação, o agradecimento aos pais e famílias,



O orador, Ddo. Wilian Nicolau

companheiros de luta pelo laurel alcançado:

«Hoje, meus pais, agradeço a confiança em mim depositada e os sacrifícios por mim realizados. Agradeço pelo que pensais que eu seja, mesmo que em realidade, apenas uma parte disto tenha eu sido. O que importa, afinal, não é ter sido tudo, mas sim, ter lutado para sê-lo e, ter encontrado em cada queda forças suficientes para mais alto se erguer».

Logo após, salientou o sentimento de despedida que a solenidade marcava para os colegas, amigos de 6 anos, para toda a vida. Citou o Prof. Luís V. Décourt:

«Assumireis muitos compromissos no correr da vida, perante homens e mulheres, sacerdotes e leigos, chefes e subordinados. Permitti, porém, que vos diga que, dentre a importância de todos sobressai o de hoje, não porque terminais aquilo que iniciastes há seis anos, mas justamente porque iniciis o que nunca termina, a obra que integra o indivíduo no seio da coletividade como partícula ativa e cooperadora».

E o que se espera do médico, ora formado, para o futuro:

«Este diploma não é, portanto, um prêmio que se recebe pelos anos de estudo e de trabalho, mas sim um encargo que assumiremos numa obra de caridade e humanidade».

Despediu-se em especial dos colegas venezuelanos, que voltam à sua Pátria. Finalizou, num apêlo:

«Ao serdes lançados à luta, que vossas vidas sejam por vós próprios vividas, e, satisfeitos os vossos anseios de glórias! Que no sabor da vitória ou no amargor da derrota, a brisa que rugitar em vossas cabeças, encontre o mesmo homem! Que a humanidade sinta ao vosso toque, o toque de um mundo melhor!»



O paraninfo, Prof. João Alves Meira

exemplo aos jovens de hoje.

«Médico, Professor de Medicina, homem de letras, orador, cidadão, político, foi Rubião Meira, acima de tudo, Médico. Para quem «a Medicina foi a sua vida»; como Médico viveu e como médico morreu. Todas as qualidades do verdadeiro médico ele as possuía, exercendo a Medicina como sacerdotício, com elevação, com despreendimento, com dedicação integral ao doente, sem se preocupar com recompensas materiais, sem outra ambição que a de prestar o amparo de sua proficiência e a satisfação de cumprir com o seu dever de profissional consciente. Nos quarenta e cinco anos ininterruptos de prática médica espargiu Rubião Meira, com as dádivas de seu saber, às manchetes, os benefícios de seu coração caridoso a todos que, sem distinção, dêle, necessitados, se acerbavam»

Citou o paraninfo, a seguir, os múltiplos fatores de que depende a carreira médica, como «a competência que a constância e o amor ao estudo aprimoram e re-

bucavam os seus conselhos e sabedoria», e, ainda, que «condenava em suas aulas a tendência daqueles que, na realização de múltiplos e desordenados exames de laboratório, Raios X, provas funcionais etc., buscavam encontrar a solução diagnóstica descuidando-se do exame fundamental, o do próprio enfermo, relegado a um plano secundário, no meio da papelada dos relatórios...»

Aludindo ao importante problema da duplicidade de atividades, quais sejam carreira universitária e prática médica, acrescentou o Paraninfo: «Em face de tal situação, fica-se a pensar se não é aconselhável sugerir aos jovens como vós, que hoje têm de decidir sobre o futuro e se encontram prontos para percorrer a longa estrada que ante vossos olhos se apresenta cheia de destinos diferentes, a escolha definitiva da meta que vos conduzirá, de acordo com vossos anseios, tendências e vocações, de corpo e alma à prática médica ou à carreira universitária. Ambas, sem serem incompati-

Esta primeira página d'«O BISTURI» é dedicada aos DOUTORANDOS de 1958. Queremos associar nossa homenagem às solenidades de que se vêm alvos, hoje.

Vendo-os partir agora para enfrentar o grande de vida, que todos daqui da FMUSP escolhemos, parece-nos notável a transformação por que passaram. A Escola recebeu-os jovens, quase que só adolescentes. Eram alegres, brincalhões, despreocupados. Agora são médicos, advertidos da enorme responsabilidade, que vão enfrentar. Ganharão aqui a formação e os ensinamentos necessários para executar digna e honrosamente sua tarefa.

Apesar de ser uma despedida, não deve hoje prevalecer a tristeza, que a separação provoca em nós. A hora é mais que nunca da alegria, de sonhos e aspirações a meio caminho de realização; a Formatura significa, já e apenas, a metade simbólica da formação do médico. O modo de execução da medicina e o comportamento ante os problemas futuros serão o complemento do que agora se dá, em símbolo, por terminado.

Também agora renovam-se todas as nossas esperanças numa resolução próxima dos problemas médico-sanitários de Nosso Terra. Temos razões de sobra para esperar que também esta TURMA dará sua contribuição, generosa em todos os sentidos, para que as condições desfavoráveis sejam mudadas.

É desejo de todos os colegas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo que a solenidade de hoje signifique para a sociedade brasileira, a entrada, de rijo no trabalho, de mais oitenta e três grandes médicos.

O BISTURI

W. NICOLAU

«O DIPLOMA NÃO É UM PRÊMIO, MAS SIM UM ENCARGO»

Transcrevemos a seguir alguns trechos do discurso de formatura do orador da turma de 1958, Doutorando Wilian Nicolau.

Após saudar as autoridades presentes, seus colegas e as pessoas presentes, o orador principiou sua alocução, fazendo menção ao significado especial daquele momento para todos os que terminavam o Curso Médico:

«É meu desejo, pois, neste momento singular de nossos dias, todos êles dedicados, mi-

nutentemente, ao adestramento e aprendizado da nobre arte de Hipócrates, dirigir uma palavra ao mestre, um sorriso aos pais, um abraço fraternal aos colegas e um adeus à Casa de Arnaldo».

Despediu-se em seguida, em nome de seus colegas, da Faculdade, em palavras emocionadas, reconhecendo nela o segundo lar de sua formação e agradecendo a oportunidade de nela ter estudado, como uma das melhores escolas médicas do mundo.

PIO XII E A MEDICINA

O. MELLO FRANCO FILHO

Ecoam ainda perto de nós a manifestações promovidas por ocasião do falecimento do Papa Pio XII, quando nos lembramos de rever as ocasiões em que S. Santidade se dirigiu aos médicos, estabelecendo com eles fecundo diálogo, sempre de repercussões extensas.

Antes de mais nada poder-se-á perguntar porque motivo um Papa se põe a falar sobre medicina e coisas afins. Acostumados talvez a uma visão de religião unicamente rescendendo a cário de altar e a um pseudo espiritualismo alienante, poderíamos estranhar que um pastor religioso tivesse algo de útil a dizer para cientistas em geral. A resposta a essa questão é o próprio Pio XII quem nós-la dá:

«Muitos afirmam que o domínio das ciências exatas e experimentais se estende além do terreno religioso e ético, motivo pelo qual elas não conhecem nem re-conhecem senão suas leis próprias e iminentes. Limitação estranha e injustificada do campo visual do problema!

Não vêem eles que os objetos dessas ciências não são isolados, mas fazem parte do mundo universal dos seres? que esses objetos têm, na ordem dos bens e dos valores, uma posição, um lugar determinados? que eles estão em contacto permanente com os objetos das outras ciências e em particular, que eles estão submetidos à lei da perpétua e transcendente finalidade que os prende a um todo ordenado?»

Firmado nesse princípio, Pio XII nunca titubeou em dirigir a palavra a quantas missões médicas o procurassem. Durante seu longo pontificado recebeu e discorreu a médicos para lhes falar dos assuntos os mais variados. Somente recorrendo à memória, sabemos ter ele abordado problemas referentes: fisiologia, genética, anestesiologia, cirurgia, obstetrícia, ginecologia, psiquiatria, psicofarmacologia, dermatologia, cancerologia, etc., etc.

Uma das últimas audiências coletivas que Pio XII concedeu em sua vida, foi aos médicos reunidos no Congresso Internacional de Hematologia. Na ocasião tratou com eles dos problemas referentes à hereditariedade da anemia de Cooley e do fator Rh, respondendo ao mesmo tempo a questões de moral médica sobre o mesmo assunto, propostas pelo próprio Congresso.

Por certo, todos estão ainda lembrados da polémica ocasionada pela divulgação do método da escola russa de Pavlov para o parto sem dor. Na ocasião, boatos sem número correram, querendo obstar o seu uso, principalmente entre os cristãos.

Acudiu logo Pio XII, afirmando a legitimidade de todos aqueles métodos que, sem ofender a ordem natural das coisas, têm o louvável fim de contribuir para a maior felicidade do homem. Não ficou porém, o Papa, somente em louvar mais um fruto da ciência. Foi mais longe e aproveitou para reafirmar que a ciência como tal, não se liga a conveniências ideológicas quaisquer. Assim como não há uma física católica, nem uma matemática marxista, também não há uma obstetrícia cristã ou atéia. O que há, sim, é uma maneira legítima ou não de se usar de tais conhecimentos tendo em vista o homem e sua dignidade. Não será o fato de uma ciência ser estudada por um católico ou um ateu que fará dela imediatamente uma coisa boa ou má. Serão antes de mais nada a sua intenção e os seus métodos que ditarão a sua legitimidade.

Dessa maneira pautou Pio XII toda sua orientação em relação às ciências, batendo-se sempre pela independência delas frente às correntes ideológico-políticas, e dependência frente à transcendência dos seus objetos.

Baseado nessa mesma diretriz, jamais Pio XII em suas alocações extralimitou suas funções de pastor e pai religioso, nunca opinando diretamente em campo que é da competência própria do pesquisador científico, restringindo-se sempre àqueles pontos da prática médica que, por sua gravidade, tocavam-no plano do homem como ser também sobrenatural. A respeito, Pio XII, assim dizia:

«...o médico é frequentemente chamado a dar conselhos e estabelecer certas determinações, a formular os princípios que, visando diretamente a saúde do corpo, de seus membros e de seus órgãos, interessam também à alma e suas faculdades, o destino sobrenatural do homem e sua missão social.

Opinando exatamente nesses pontos em que os dois campos se entrelaçam, agia o Papa não criando cada vez mais rezarrinhas a obstar a atividade médica, mas sim, atendendo à liberdade inalienável de todo ser humano. De fato, a medicina existe a serviço do homem e tudo nela deve contribuir para que ele seja cada vez mais livre de atender a sua ânsia de realizar a plenitude de seus valores próprios.

E' esta a mensagem de liberdade, que através da medicina, Pio XII levou ao mundo.

Medicos para o Interior

A falta absoluta de médicos no interior é uma das realidades mais conflagradas que se apresentam a quem quer que se detenha a pensar nas coisas brasileiras. De vez em quando, surgem aquelas estatísticas apavorantes: 90% dos brasileiros nascem nas mãos de curiosos; outros tantos por cento morrem de tétano neo-natal, desidratação, incúria, infecções, etc., e por um outro motivo muito forte, FOME. Mas, isso já é outra história.

O «CAOC» já teve ocasião de manifestar sua simpatia e aprovação ao projeto do Ministro da Saúde, Dr. Mário Pinotti, regulamentando o Serviço Militar para Médicos, enviando-os para o Interior em Serviço Médico obrigatório. Mas, acreditamos também, que, infelizmente, a concretização desse projeto vai levar muito tempo. Falta de verba, oposição, boa vontade escassa, a coisa vai longe.

No outro extremo dos interesses em jogo, está o médico em início de carreira, dispondo-se a ir para o interior e lá montar seu local de trabalho. Convenhamos, para isso é necessário grande dose de ideal: a vida provinciana, as dificuldades com as populações menos evoluídas, o afastamento dos grandes centros médicos e o conseqüente perigo de não se acompanhar os progressos da medicina moderna.

O fato é que esta solução tem se mostrado de grande valia, quando o médico vai para o interior. Poderia, no entanto, ser bem melhor, porque muitas vezes, o médico, sozinho, se adapta às condições que encontra, e os seus serviços que caem de padrão, perdem em nível.

Uma notícia que nos chega agora e agrada imenso é o programa que se propuseram alguns colegas estudantes, aqui da FMUSP. Juntaram-se em grupo, cada um seguindo a especialidade de seu desejo, estão se quotizando, procurando favores governamentais para o projeto, que é do mais alto interesse coletivo.

Pretendem montar um Hospital Modelo, tipo Hospital Regional, numa cidade do interior de Mato Grosso, e, num esquema de ação muito melhor, impor ao interior todas as vantagens de uma medicina cientificamente conduzida.

Exemplo a ser imitado, e exemplo que deve ser amparado por todos os que são diretamente interessados: Governo Federal, Estadual de Mato Grosso, do Município visado. Vale também como trabalho pioneiro, a ser seguido por outros, que levem ao interior desfavorecido essa melhoria básica, elementar, de que até hoje não lhe foi dado usufruir.

R. H.

PROF. PIRAJÁ DA SILVA

Transcorreu no dia 30 Novembro o 50.º ano da descoberta do Schistosoma, pelo professor Pirajá da Silva.

Por ocasião da efeméride foram realizadas, no Instituto Histórico e Geográfico, a entrega de medalhas a diversas personalidades que se salientaram no estudo da moléstia.

O prof. Pirajá da Silva é vivo e atualmente com mais de oitenta anos, reside em S. Paulo. Pensa-se em doar os seus escritos ao futuro Instituto de Medicina Tropical.

EXPEDIENTE: "O BISTURÍ"

Órgão Oficial do Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz» da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
ADMINISTRAÇÃO
Rua 7 de Abril, 264 - 6.º andar - S. 603 - Tel. 35-4672
REDAÇÃO:
Av. Dr. Arnaldo N.º 1
Tel. 52-1729 - S. PAULO

Diretor Responsável:
José Knoplich
Diretores:
Rudolf Hutzler
Luís H. C. Paschoal
Secretaria:
Dario Yabuta

Durval K. da Veiga
Redatores:

Odilon de Melo Franco,
Augusto H. Santo, Jeni M. M. Coronel, Nelson Fausto,
David José Lerer, Thomas Maack, Nelson Simões, A. C. Eva, Bóris Wargaffig e Clóvis Coelho

Desenhistas:
Francisco Di Grado
David José Lerer

Distribuição:
Izelinda

COLABORADORES: Alunos e ex-alunos da F.M.U.S.P.

Direção Técnica e Comercial:
REINALDO FAGUNDES
MICHEL

Indústria Brasileira de Lápis

FRITZ JOHANSEN S. A.

Rua Tito, 66 — São Paulo



Fabricantes exclusivos dos afamados produtos.

Lápis «FRITZ JOHANSEN»

Borrachas «EBERHARD FABER»

Gomas e Tintas «EUREKA»

Rinaldi Flores

Serviço Internac. com os maiores Floristas de todos os países.

Membro da Florists' Telegraph Delivery Association Inc.

FLORISTAS DECORADORES

Angelo Rinaldi & Filhos Ltda.

Praça da Republica, 176 - São Paulo (Brasil)

Tels.: da Loja 32-2316 - da Residência 8-2208

(Orquidário e Chácara Estrada Campo Limpo, 200)

Município de Santo Amaro

Ex-Membro do Juri da Exposição Internacional de Flores em Gand.

XXIV MAC-MED

A. H. SANTOS

A semana de 11 a 19 de outubro, na qual se desenrolou a XXIV MAC-MED, nos foi integralmente ingrata. Assistimos, no seu decurso a queda, uma a uma, de todas as esperanças acumuladas e alimentadas ativamente em 1958. Contingências e fatores imprevisíveis, prejudicaram nossas equipes, diminuindo seu poderio. Também, ressaltamos a grande chance e felicidade que apresentou o Mackenzie nos momentos decisivos, não refletindo o fato um desmerecimento à sua vitória.

Perdemos por 7 a 4. O rigor dos números não evidencia o equilíbrio de forças, que predominou durante a competição. Perdemos em atletismo, futebol de salão, xadrez, futebol, tênis, voleibol e bola ao cesto. Vencemos em remo, beisebol, natação e polo aquático. No atletismo, onde contávamos com grande possibilidade de vitória, as distensões musculares sofridas por Mauricio Rocha e Silva e Pedro Williams, impedindo-os de participar eficientemente nas provas res-

tantes, facilitaram nossa derrota. Em futebol de salão e futebol perdemos pela contagem mínima. Merece destaque a equipe de Voleibol, que jogou esplêndida partida, alimentada por invulgar espírito de vitória, só se entregando à maior experiência do MAC. Lamentavelmente, em tênis, verificamos o «forfait» de Itiberê, acometido de uma «crise de birra», prejudicando toda a coletividade, por razões injustificáveis, o que contribuiu decisivamente para nossa derrota. E, finalmente a derrota mais amarga em bola ao cesto, pela diferença de uma cesta, desfazendo um ótimo trabalho de preparação, realizado durante o ano.

Como sempre, vitória fácil em remo por 5x0, mantendo a MED sempre uma boa equipe de remadores. Em Beisebol registrou-se um fato espetacular, pois após estarmos perdendo por 9 a 5, reagimos impressionantemente e estabelecemos 14 a 9 no penúltimo «inning», terminando o jogo de maneira sensacional com nossa

vitória por 14 a 13. Fato semelhante também aconteceu em polo aquático, surpreendendo-nos o Mackenzie, que chegou a estabelecer 4 a 2 em seu favor. Numa reação de fibra, técnica e «fôlego», vencemos por 5 a 4. Em natação a vitória foi limpa, refletindo a ampla superioridade aquática da MED. Por 191x118, vencemos o Mackenzie. Caiu o recorde dos 200 metros, nado clássico, batido por Anacleto, com o tempo de 3 minutos, 15 segundos e 4 décimos.

Verificou-se assim, em mais uma disputa de tradicional MAC-MED, a vitória do Mackenzie. Registre-se o enorme espírito esportivo que norteou a maior competição universitária da América do Sul. Finalmente, vamos à XXV MAC-MED.

O BISTURI

deseja a seus leitores um Ano repleto de venturas

1958 — 1959

NOVATROPINA

LABORATÓRIO STEG SINTÉTICO

FILINASMA

BERNARD «SHOW»

Como fazer um exame de Anatomia

JACIR PASTERNAK

F. DI GRADO

Desculpem-me o trocadilho. Talvez ele seja infeliz, mas foi-me irresistível, uma vez que tenho de falar do nosso «show» e vou começar citando Shaw. **Abstine et sustine!**

Quadro um — (voz de B. Shaw): «O estudante de medicina é a mais repugnante figura na civilização moderna. Nenhum respeito, nada de modos... nada». Isto ele diz através de Redgeon, quando Redpenny (o estudante) se refere por um apelido a um famoso médico do hospital onde praticava.

Imaginem que côro de vozes deve ter-se levantado nesses termos, quando baixou o pano do último quadro do nosso show.

Mas não estamos de acôrdo, absolutamente. Em cada troca, provocação ou irreverência está o sorriso de uma intimidade sã, jovial, por um grupo de moços aos outros moços (alguns mais grilhões) que os orienta nos segredos da profissão comum e no exemplo da vida correta e dedicada. São êstes anos de Escola e Hospital, lado a lado, (nos exames, estamos por baixo...) cotidianamente, que nos dão êsse direito, uma vez por ano, através da farsa para não chocar, não ofender, a quem não queremos nem chocar, nem ofender, apenas instigar dentro do limite que essa vida comum nos permite. No fundo, disfarçado, se escondem talvez um sentimento de gratidão velado para não sensibilizar, na forma ade-

quada para ser confessado de público, sem confundir.

Este quadro trata, portanto, do objeto do show mais freqüentemente atingido, o nossos mestres, material inesgotável, primum movens do nosso espetáculo.

Videblimus infra. Quadro dois — Maia, (virgula) o versátil! (ponto, de exclamação).

Encontro o Maia, esticado como um prego, numa cadeira da «sala do sono», num canto do palco. O moço magro, sorriso branco e óculos pesados que fez parado toda a mimica do Charleston e dirigiu os showgrais, toca um piano com uma virtuosidade, não de escola, sofrida, mas de «bossa». São as Pastorinhas com a melodia destacada, despreocupadamente, largada. Marca depois, compenetradamente os graves de um tango, mas ao ferir as primeiras notas da mão direita, para.

«Uma vez cantei um tango num circo. Fui gongado. Me disseram que não dava pra cantar, mas tinha pinta pra artista... e acabei fazendo um «show» na escola».

Ageita os óculos fortes de miopia e num quase improvisado «arranja» uma série de marchinhas de carnavais passadas. Maia que dirige o jornal de sua turma, teve 3 no escrito de Português no vestibular (nove no oral!) e ri-se do parante paradoxo, enquanto continua tocando, agora barulhento, estranhando o piano de concerto que

pouco tempo faz, vibrava elegantemente um Mozart ao lado das cordas do Dr. Kanielsky.

Maia, o diretor histórico, como zomba o Uzeda é um dos monstros do «show» que passou, dotado de uma versatilidade espantosa, pesando, integrando e modificando os vários quadros do «show». E um dos muitos que compõem essa equipe corajosa que traz o «show» para a ribalta embora estoure em faltas, perca preciosos pontos e pegue oral; essa turma unida que ensaia e burla o «show» durante semanas seguidas, noite avançada, enquanto os outros colestagas se debruçam sobre os tratados.

Enquanto você descança do dia de estudos, milagrosamente o «show» nasce do nada.

Quadro três — (Aqui preciso resolver um problema. Se falar de todos os artistas terei de copiar o convite que vocês todos têm. Se não falar serei injusto).

Cena: Choperia muito conhecida da Capital, onde o Caoc se reuniu após as últimas eleições. Personagens: grande parte da turma do «show», a orquestra da casa e os fregueses da casa.

A ação se inicia com três discursos isolados do Zabeu, Giovannetti e Pinto (o calor revelação) e se desenvolve num crescendo com a entrada oportuna do Zé Cassio (o monstro que fez o «malandro»), do Machado (mais conhecido como Xaxá, o di-

vino!) Uzedo Macksoud. Ainda está o Negro que não sei por que não vai pro «show». Segue-se uma saravada garchástica de piadas e imitações e temos a reprise de certas famosas aulas que de boca em boca passarão para o acervo sentimental de todos os que tiveram a felicidade de coabitar na casa de Arnaldo. Nesta altura a orquestra d'A Brasileira parou e os fregueses se agruparam em torno de nossas mesas. É um verdadeiro «show» improvisado, contínuo, gargalhante. E quando, histórico (mesmo!), pálido, trêmulo, ofegante, entra o Maio e passa a censurar um por um, todos os elementos que haviam faltado ao ensaio daquela noite. Depois, percebendo o ex-colega Burza, saudado, solenemente no estilo de conhecido governante patriótico. Um chopp pra ele e é mais um improvisando.

Com mais uma caneca e se não os conhecesse cômicos de seus deveres e obrigações, eu diria que lá estavam os universitários boêmios do fim de século.

Quadro quatro: O «show» nunca fracassa! Realizado em preconcitos, sem moldes estereotipados, sem preocupação de agradar, ele traz consigo o caráter impetuoso e agressivo da improvisação e se adapta adequadamente, no tempo, às idéias e problemas do nosso ambiente. Isto somado a um público de

(Cont. na pág. 8)



Pato logi A Vion A ca de mi CA

UNIVERSIDADE E HUMANISMO

THOMAS MAACK

2.200 Cientistas Norte-Americanos se manifestam contra as experiências nucleares. Cientistas alemães abandonarão as Universidades se forem obrigados a trabalhar na construção de armas atômicas. De Gaulle ameaça os cientistas franceses que estão «boicotando» a fabricação de armas atômicas. Os cientistas começam a perceber que terão de sair de seus laboratórios para defender os seus inventos da gana dos «fazedores de guerra».

Enquanto isto os Universitários, na sua grande maioria, enclausurados na onipotência de sua parca sabedoria, sorriem. A humanidade é uma coisa tão abstrata, tão longe de nós que, afinal de contas, somos ou vamos ser médicos, engenheiros, professores, catedráticos, o que é muito diferente do que ser homem-em-geral. A guerra existe nos livros de História e se ela vier mesmo... bem... sei lá, na hora a gente dá um jeito. Isto nos faz lembrar de uma passagem de Tolstói citada por Gustavo Corção em seu «Lições de Abismo»: «Todos os homens são mortais, ora Caio é homem, logo Caio é mortal». «Caio é com efeito mortal, e é justo que morra mas EU, Vania, Ivan Ilich, com todos os meus pensamentos, com todos os meus sentimentos, sou outra coisa, completamente outra e parece-me impossível que deva morrer». A humanidade está para nós assim como a morte de Caio está para a de Vania.

Mas, não é só isto que faz com que os universitários não tenham o sentido Universal que o próprio nome impõe. Um egoísmo individual e de grupo advindo de condições socio-econômicas, fazem com o universitário confunda os interesses de sua classe com os interesses da humanidade. Além disto na maior parte dos casos falta-lhe um sentido crítico para analisar os fenômenos mundiais, falta esta advinda de uma precária cultura humanística — que inclui também a cultura científica e política — que não lhe permite distinguir a exata escala de valores que interessam realmente à humanidade.

Um dos métodos mais usados na propaganda política é a de se confundir inteiramente o exato significado das palavras e dos conceitos e assim inverter e confundir esta escala de valores.

Assim, a maioria das pessoas, inclusive universitários, não conseguem mais separar as palavras Democracia-Capitalismo-«Livre Iniciativa» ou Marxismo-Governo Soviético-Partidos Comunistas. Um exemplo digno de nota é o recente incidente entre o Educador Anísio Teixeira e um Bispo da Igreja do Rio Grande do Sul, que felizmente não representa a maioria do Clero brasileiro. Arísio Teixeira insistiu na tese da necessidade de criação de maior número de Escolas Públicas sustentadas pelo Governo para extermínio do analfabetismo ao que retrucou o Bispo afirmando que a criação de Escolas Públicas era um atentado contra as Escolas Particulares e portanto um atentado contra a livre-Iniciativa, contra a Democracia e que isto só seria possível num regime comunista. Na infeliz resposta do Bispo do Rio Grande do Sul os termos Escola-Pública-Escola Particular; Democracia-Comunismo- Livre Iniciativa se confundem de tal maneira que ninguém mais sabe o que cada uma delas representa. A aquisição de uma cultura humanística razoável seria um passo decisivo para que os universitários tivessem mais sensibilidade para os grandes problemas do mundo atual. O que acontece entretanto é que entre os universitários existem os eruditos, que são a representação mesma da falsa cultura, e os especialistas que julgam a cultura geral uma bobagem. Deveriam estes últimos pelo menos analisar a vida dos cientistas e especialistas que realizaram grandes obras e verificar que quase todos eles eram donos de uma sólida cultura humanística. Especialização não é ou não deveria ser, sinônimo de incultura, de burrice e sim uma maneira mais objetiva, de estudar os fenômenos naturais, e de aplicar mais proveitosamente os conhecimentos deles auferidos.

Quais as necessidades físicas e psicológicas fundamentais do homem? Quais as doutrinas políticas que levam em consideração estas necessidades? A aplicação destas doutrinas políticas levou realmente um melhor estar para a humanidade? ou elas nunca foram realmente aplicadas. Perguntas difíceis de responder. Mas, se não são os Universitários que as respondem quem as responderá por eles e por toda a humanidade?

A todos que leram «O Bisturi» em sua edição de aniversário certamente notaram que grande parte de seus artigos se referia a problemas de ordem nacional e que nestes artigos se divisava sempre um denominador comum: Emancipação Econômica dentro de um esquema Nacionalista. Esta tendência não é impingida aos nossos leitores pelos Diretores ou Redatores do Jornal mas é um reflexo do pensamento da maioria dos Universitários desta e de outras Faculdades. Emancipação Econômica e Nacionalismo traduzem, não uma filosofia política ou um sistema de regime, mas uma simples contingência advinda de fatos concretos, que atentam contra a nossa soberania, e de uma experiência histórica. Neste sentido o Nacionalismo dos países sub-desenvolvidos difere profundamente do Nacionalismo dos países que já alcançaram a sua emancipação econômica pois enquanto estes representam uma doutrina política de sentido jacobinista e anti-humanitário, naqueles significa uma defesa contra a exploração desenfreada dos grandes poderes econômicos mundiais. De Gaulle foi elevado ao poder pelos Nacionalistas franceses que queriam exterminar os Nacionalistas argelinos. Os primeiros Nacionalistas para dominar os últimos Nacionalistas para adquirir a liberdade. Isto demonstra a profunda diferença entre os dois tipos de Nacionalismo e somente a propaganda insinuada, daqueles mesmos poderes que nos exploram, procura confundir-los. Portanto o Nacionalismo Econômico dos Universitários brasileiros tem um profundo senti-

Entrevista com o Professor Mignone

O concurso para provimento da Cátedra de Anatomia Patológica vaga com a aposentadoria do Prof. Ludgero da Cunha Motta, indicou o Prof. Constantino Mignone para o cargo.

A Anatomia Patológica é uma das cadeiras fundamentais do ensino médico. Como no nosso sistema de ensino, a bem dizer tudo depende da vontade do Professor Catedrático, o cargo de Professor dessa Cadeira é realmente um posto-chave na formação e evolução dos estudantes aqui da Faculdade de Medicina.

Fomos procurar o Prof. Mignone no intuito de conhecer seus planos de futuro; nessa ocasião cumprimentá-lo pela vitória alcançada, coroando uma carreira brilhante, em trinta anos de trabalho dos mais profícuos.

1) Planos de futuro para o Departamento de Anatomia Patológica.

— Quero assinalar, desde já, que recebi a Cadeira em ótimas condições das mãos do Prof. Cunha Motta.

Consideramos que o estudo de Anatomia Patológica continua a manter como fundamentais, as bases morfológicas. Isto vale tanto para o ensino como para a pesquisa. O progresso da Patologia depende de suas condições:

- 1) experimentação associada com base morfológica;
- 2) correlação anatômico-clínica, indispensável para a compreensão dos processos patológicos; com os métodos de estudo disponíveis atualmente, a morfologia mantém ainda a sua prioridade no nosso campo de atividade.

A Cadeira pretende dividir suas atividades para o futuro em:

- 1) estudo da Anatomia Patológica Humana;
- 2) Patologia Experimental.

Ambas são de valor enorme. A pesquisa é uma condição fundamental, que entretanto, depende de dois fatores: número suficiente de pesquisadores e recursos financeiros adequados. A cadeira procurará incentivá-la sempre, procurando atrair, nos diferentes setores o maior número de interessados, como voluntários, na falta de meios financeiros.

Quanto à Patologia Humana, considero-a fundamental ao ensino e às publicações. É imprescindível para a formação anatômico-patológica dos estudantes e básica, qualquer que seja a especialidade abraçada.

Se a pesquisa constitui preocupação e motivo de particular interesse desta Cadeira, a parte de ensino incontestavelmente se sobrepõe àquela de pesquisa porquanto um Instituto Universitário, tem por base fundamental:

- 1) ensinar;
- 2) em paralelo, pesquisar tanto quando possível.

Dal portanto, cabe aos assistentes em primeiro lugar ensinar ao aluno e depois, em continuação natural de suas

atividades, dedicar-se a algum setor de pesquisa. O número de assistentes no Departamento é pequeno demais, incompatível com a cópia de material que a cadeira tem em suas mãos.

2) Como considera o movimento de autópsias e biópsias, em número excessivo, como rotina e entrave às outras atividades do Departamento?

— O problema só pode ser resolvido de duas maneiras:

- 1) aumentar o número de assistentes;
- 2) se impossível isto, entrar em entendimento com a direção do H.C., procurando reduzir o material de lá proveniente. Em ambos os casos, as decisões terão que ser criteriosamente abordadas, com soluções, em parte dependentes de verbas a serem fornecidas pelo Governo. Mas, é problema que será resolvido a contento.

3) Como pretende fazer a correlação das atividades do Departamento com a atividade geral do H.C.?

— Esta correlação sempre existiu, deve ser mantida e estimulada, pelo seguinte fato: se a ciência é de base morfológica, não se pretende ensinar só morfologia; a parte da Anátomo-Patologia Clínica deve ser incrementada, o que será sempre orientação da Cadeira; há o maior interesse em que o entrosamento com as cadeiras de clínica cada vez mais se amplia em benefício de todos.

4) E' de sua intenção mudar o plano de ensino?

— Não. O ensino da Anatomia Patológica, da maneira como vem sendo feito, tem se mostrado altamente satisfatório; uma base de Físio-Patologia vai ser acrescentada, sempre que possível, no intuito precípuo de relacionar o que o clínico viu. A correlação Anátomo-Clínica presta-se mais ao ensino do 4.º ano, no estudo da Patologia Especial.

5) Dada a falta de verba

que imobiliza grande parte das atividades que o Departamento poderia desenvolver, pretendem pleiteá-los junto a órgãos governamentais ou fundos nacionais ou internacionais de pesquisas?

— Sem dúvida nenhuma.

6) Com vistas às relações diretas entre os estudantes e o Departamento, que planos tem para elas?

— São de introdução recente algumas inovações Monitorias: a Cadeira pretende aproveitá-las da melhor forma, orientando-os e aproveitando o seu trabalho de forma eficiente.

Entretanto, acho que o critério de seleção não é de todo satisfatório, considerando a média mínima 8 muito alta, já que nós somos um tanto exigentes no julgamento das provas de exame. Um método viável de escolha seria através de um concurso de candidatos, consistindo numa prova de suficiência, ao lado do jul-

gamento do curriculum do candidato.

Estagiários: de modo como está sendo feito, o aproveitamento de estagiários no Departamento, não está compensando nem o estudante, nem a Cadeira. O prazo concedido, que é de um mês e meio, não basta de maneira alguma para fornecer um mínimo de conhecimento da especialidade. A fase atual ainda é de experiência, os melhoramentos necessários estão sendo estudados, para o melhor aproveitamento dos alunos em fase final de carreira.

Estudantes: quanto aos estudantes terão sempre a melhor acolhida nos seus desejos de aprender, contando com a boa vontade de todo o corpo docente da cadeira.

Para finalizar, quero dizer que a Cadeira estará sempre disposta a colaborar com o C.A.O.C. e seu Departamento Científico, sempre que isto se mostre desejável.

R. H.

Vitoria Final da Taça Eficiencia

Conquista da «Taça Eficiência»: um dos objetivos a que se propôs a diretoria, que ora termina sua gestão. Todos os esforços foram conjugados afim de dinamizar as atividades esportivas na Casa de Arnaldo. Reforma do estádio, contrato de novos técnicos, criação de Departamentos, amplo apoio material, distribuição de trabalho, compra de novos uniformes; tudo foi feito, armazenando-se energias e esperanças para a grande luta, que iria desenvolver-se durante o ano de 1958.

Assim, iniciaram-se as provas regulares do calendário esportivo da FUPE e, desde logo, a AAAOC mantinha em seu poder as primeiras colocações, juntamente com a AAA Rui Barbosa, Politécnica e Mendes Júnior. No entanto, quando se definiu realmente o 1.º lugar em favor da MED, surgiu um novo impulso e os esforços se intensificaram no sentido de aumentar constantemente a diferença de pontos, que separava a AAAOC dos mais diretos antagonistas. Prosseguiu a luta, onde se empenharam com grande brilho as moças e rapazes, muitas vezes até com prejuízo de interesses pessoais, visando sempre a meta almejada, o título máximo em disputa no meio universitário paulista.

Finalmente, ao fim de todas as competições, com imensa alegria, verificou-se que a AAAOC vencera a «Taça Eficiência», premiando o admirável esforço coletivo dispendido pela diretoria e atletas. A MED, depositária de grandes tradições esportivas, vê-se honrada com mais este título, que a eleva nos meios esportivos estudantis. Por outro lado, a AAAOC, através de seus diretores, quer congratular-se com todos os que contribuíram para a vitória final, inclusive com a entrega de uma medalha comemorativa do feito e agradece a compreensão e apoio geral recebidos.

Agora, só há uma coisa a fazer:

«Lutar pela TAÇA EFICIENCIA de 1959».

Bócio

O sanitarista Adelino Mendonça, do Departamento Nacional de Endemias Rurais, após um minucioso estudo conclui que existem cerca de DOZE milhões de doentes no Brasil.

O bócio endêmico simples resultante de carência de iodo é encontrado com maior frequência na região centro oeste, sul e leste do país. A região mais afetada é ao contrário do que se pensava, a região sul, desde S. Paulo ao Rio Grande do Sul, com 5.500.000 casos.

O combate ao bócio foi regulado por lei federal em 1953 e obriga essas regiões ao consumo do sal iodado. Informa o relatório que 82% da produção saleira dos últimos tempos é iodada e que 65% da população brasileira consome esse tipo de sal.

do universal, apesar de muitos de nós não o perceberem, pois representa a luta contra a exploração do homem pelo poder econômico internacional dos «trusts».

A leitura dos últimos números de «O Bisturi» nos leva a crer que estamos deixando de ser os «Convitados de Pedra» da realidade nacional, o que já é um grande avanço. Quando deixarmos de ser também os «Convitados de Pedra» da realidade Universal merecemos o nome de Universitários.

CLÍNICA «DR. MARIO DEGNI»

Cirurgia Geral — Cirurgia Torácica — Cardio Vascular e do Aparelho Digestivo

CONSULTAS COM HORA MARCADA

RETOR — PROF. DR. MÁRIO DEGNI

Corpo Clínico:

DR. PAVEL NUNES

DR. WALTHER LANFRANCHI

DR. DAGOBERTO PETRILLI

DR. ORIVALDO DE ALMEIDA

DR. JOSÉ CASSIANO FIGUEIREDO

DR. NELSON POZI — (Clínico)

DR. OSCAR PIMENTEL PORTUGAL — (Cardiologista)

DR. JOSÉ MORETSONH DE CASTRO — (Radiologista)

DR. RUBENS XAVIER GUIMARÃES — (Analista)

Consultório — RUA DONA VERIDIANA, 661 —

TELS.: 34-4444 — 35-9700

Residência — AV. EUSEBIO MATOSO, 786 —

TEL.: 8-7492 — SÃO PAULO

CARESTIA

algumas considerações

Há poucas semanas os estudantes de São Paulo sacrificaram, por alguns dias, suas aulas e manifestaram, como nunca o haviam feito até hoje, seu repúdio a medidas que julgaram anti-populares. Movimentos semelhantes ao nosso já haviam sido feitos no Rio e tal foi sua força e expressão que as autoridades viram-se obrigadas a voltar atrás no aumento dos transportes coletivos que pretendiam obter. Seguindo nosso exemplo em Fortaleza os estudantes e operário constituem uma Aliança Operário Estudantil que conseguiu, após veementes manifestações populares, que impediram o trânsito pela cidade, a rebaixa de inúmeros artigos de primeira necessidade. Em Belo Horizonte, no sul do país, no nordeste, movimentos idênticos foram encetados, sempre baseado em nossa unidade com os que mais sofrem com os preços dos operários e trabalhadores gerais.

Se aqui em São Paulo não conseguimos obter aquilo que diretamente exigimos, a rebaixa das tarifas e a devassa na CMTC, conseguimos entretanto algo de muito maior alcance — os universitários foram à rua, enfrentaram inúmeras dificuldades e despertaram, com seu clamor unido ao do povo em geral, tal atenção que o governo viu-se obrigado a decretar o congelamento dos artigos de primeira necessidade. Esta medida, evidentemente de certa utilidade é entretanto insuficiente a não ser que seja seguida de outras, mais radicais, porém urgente. Trata-se de estender o congelamento ao atacado, controlar os estoques, abolidos impostos que incidem nos artigos de primeira necessidade, controlar os grandes lucros e fazer com que sobre eles caia o maior peso da alta do custo de vida. Muitas pessoas pretendem que o aumento do custo de vida não é senão um círculo vicioso: aumento de salário traz alta dos artigos, esta por sua vez exige um novo aumento e assim por diante. É entretanto possível romper o círculo vicioso, diminuindo os altos lucros que constituem a diferença entre as despe-

sas de produção e o preço da venda dos artigos. É evidente que brata-se de medidas de alto alcance e responsabilidade mas que tornar-se-ão inevitáveis por que atravessa o povo seja medida que o povo seja minorada. Somente serão tomadas quando o clamor popular tornar-se gigantesco e a maior garantia de sua execução estará no seu controle pelas organizações não comprometidas com o atual estado de coisas; estas organizações são as Associações de bairro, sindicatos, U.U.E.E. e C.C.A.A. A presença de elementos de sua confiança junto às comissões de abastecimento e preços será uma garantia suplementar de fiel execução.

Nosso movimento, que foi uma bela demonstração de espírito universitário e cívico deve continuar, porém com objetivos mais amplos e gerais pois é evidente para todos que a rebaixa do preço de um ou outro produto é uma vitória parcial e instável se o custo de vida não for detido num sentido geral, em todos os seus aspectos. Para tal tornar-se necessário exigir medidas como as que foram citadas acima.

Uma vez passado o entusiasmo inicial cabe pensar seriamente a respeito de como passaram-se as coisas, verificar quais foram os erros para que, da próxima vez, acertemos mais rapidamente.

Cabe constatar, inicialmente, que o que faltou foi uma direção geral que soubesse, desde o primeiro momento orientar o movimento em todos os seus aspectos. Esta direção deveria ter procurado maiores contactos com a população, visitado rádios e redações de jornais, publicado folhetos explicativos, realizado um maior número de comício relâmpago de esclarecimento. Nosso entrosamento com o movimento sindical, embora existente, não foi da qualidade necessária. Deveríamos ter participado com um maior número de estudantes

AOS DOUTORANDOS DE 1958 AS HOMENAGENS DA

INDÚSTRIA FARMACÊUTICA ENDOCHIMICA S. A.

São Paulo — Brasil



ASPECTO DA MANIFESTAÇÃO CONTRA O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA

das Assembléias do Pacto de Unidade Internacional, visitado os sindicatos e suas Assembléias Gerais.

Outra de nossas falhas foi não termos recorrido, nos casos em que isto foi necessário, ao apoio de alguns deputados que permaneceram, naquele momento, fiéis ao mandato popular.

Acho que a mais grave das falhas que cometemos foi não termos previsto o prosseguimento da luta, não termos organizado grandes comissões de luta contra a carestia que garantissem a continuidade da campanha. Estas comissões podem ainda ser organizadas pois inúmeros colegas nossos querem prosseguir no trabalho encetado. Suas tarefas seriam das mais variadas: estudo dos problemas nacionais de divulgação destes estudos, entrosamento com o movimento sindical, esforço para a formação de comissões idênticas nas outras escolas. Uma vez organizadas em grande número poderíamos caminhar para um grande congresso ou convenção operária estudantil contra a carestia e por melhores condições de vida, que congregariam, nacionalmente, as forças que pretendem reagir contra o atual estado de coisas, calamitosas para a vida e para a cultura. Além disto estas comissões participariam na imprensa universitária e sindical, esclareceriam o povo e o organizariam convenientemente, para que, diante da primeira ameaça de aumento

todos estivessemos preparados e suficientemente esclarecidos.

Outro defeito de nosso trabalho resulta de um fator mais geral, que pouco dependia de nós: muitos dirigentes sindicais estavam comprometidos com um ou outro dos poderes constituídos e manobravam no sentido de favorecer seu aliado e desprestigiar o contendor, passando por cima dos interesses do povo, alheio à luta entre os caudilhos e personalistas políticos.

A medida que desenrolarem-se nas lutas cada vez mais séria e gerais este dirigente será inevitavelmente baço, deixando seu lugar para sindicalistas mais preocupado com a classe e menos com os políticos desprestigiados.

As férias escolares poderão propiciar-nos tempo para iniciar o trabalho de esclarecimento e clarificação dos elementos que dispuserem-se a participar na constituição desta comissão. Organizaremos discussões com economistas, dirigentes sindicais de S. P. e de outros locais, técnicos e deputados. Auxiliaremos a UEE a manter seus murais, colocaremos outros e mais variados, daremos vida aos existentes. A discussão séria permitirá uma visão ideológica da realidade brasileira e internacional que será um valioso instrumento no prosseguimento das campanhas universitárias e populares que aproximam-se.

BERNARDO BORIS VARGAFTIG

INDICADOR MEDICO

DR. FERNANDO O. BASTOS
Docente-Livre e Assistente de Clínica Psiquiátrica na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
MOLESTIAS NERVOSAS E MENTAIS
Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 350 — 5.º andar
Das 15 horas em diante — Fone: 33-9570
Consultas com hora marcada
SAO PAULO

DR. SUETOSHI TAKASHIMA
PEDIATRA — PUERICULTURA
Av. Dr. Erasmo, 18 — Fones: 44-3333 e 695
SANTO ANDRE

DR. EDWIN BENEDITO MONTENEGRO
MÉDICO
Assistente da Clínica do prof. Dr. B. Montenegro
Residência: Rua São Vicente de Paulo, 501 — Apto. 503 — Fone: 52-4252
Consultório: Rua Marconi, 34 — 9.º andar — Fone: 34-8538
Das 16 às 18 horas
SAO PAULO

DR. DARWIN LOTITO
MÉDICO
da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo
Diretor do Hospital e Maternidade Pinheiros
Operações — Via Urinárias — Mol. de Senhoras
Residência: Rua Pedroso de Moraes, 391 — Telefone: 8-2393
Consultório: Rua Teodoro Sampaio, 1830 — Telefone: 80-5218

Dr. Sylvio Alves de Barros
Livre Docente de Cirurgia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
Moléstias do Fígado e das Vias Biliares — Diagnóstico — Cirurgia Geral
Consultório: Rua Araujo 165 1.º Andar — Fone: 36-3398
Residência: Rua Suíça 431 — Fone: 8-6299

DR. ARRIGO RAIA
Docente de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo — Chefe de Disciplina de Cirurgia do aparelho digestivo do Departamento de Cirurgia do Hospital das Clínicas
Cons.: R. Senador Paulo Egídio, 15 5.º andar — Tel.: 32-4225
DAS 16 AS 18 HORAS

Dr. Jaime Abovsky
RUA CONS. CRISPINIANO, 53-11.º — TEL.: 34-7802
RUA CONSOLAÇÃO, 3114 — TEL.: 8-4743

DR. MARIO FONZARI
MOLESTIAS DA PELE E ALERGIA
Médico do Serviço do Pênfigo Foliáceo
Cons.: Rua Xavier de Toledo, 98 — 9.º - S. 91 — Fone: 34-0115
Das 4 às 6 horas
Res.: Trav. Santo Amaro, 12 — Fone: 36-3758 — S. Paulo

CLINICA ESPECIALIZADA DO DR. EDMUNDO MAIA
Psiquiatria titular d a A. P. M. — Diretor clínico da Casa de Saúde "Anchieta" — Moléstias nervosas e mentais — Psicoterapia em geral
Consultório: Rua Araujo, 165 8.º andar — Edif. "Jaçatuba" — Fone: 34-0790 — Consultas com hora marcada.
Residência: Telefone: 8-8823 — São Paulo

Dr. José Vigorito Netto
IMUNOBIOLOGIA — ALERGIA
Rua Barão de Itapetininga, 151 - 11.º andar Conjunto 114
Telefones: 33-5741 e 8-7209 — Marcar hora.

ARNALDO CALEIRO SANDOVAL
CLINICO
Comunica que seu Consultório passou para
AV. PAULISTA, 2869 — TEL. 25-5555 — SAO PAULO

DR. ANTONIO B. LEFÈVRE
Livre Docente de Clínica Neurológica U. S. P.
RUA MARCONI, 94 — 9.º ANDAR — FONE: 36-6073

ASMA

A segunda Conferência Internacional de Asmologia realizada em Lisboa, em 1957 tratou do «Problema Social da Asma» e chegou às seguintes conclusões:

1) num inquérito internacional verificou-se um aumento da incidência de asma no mundo. Reiterou-se a necessidade de tratar rigorosamente a asma infantil.
2) A asma como doença crônica constitui cada vez mais um onus para a família e para a sociedade. Somas consideráveis são dispendidas atualmente no mundo inteiro para o tratamento destes doentes, quase sempre sintomático e portanto deficiente. Os enfermos de ambulatório e os hospitalizados devem de início procurar tratar o mal em sua etiologia, sem esperar sua cronificação.

A conferência solicitou que as autoridades sanitárias e médicas procurassem desenvolver uma campanha de esclarecimentos ao grande público, Companhias de Seguro Social, entre os estudantes de medicina, médicos e profissões afins. Eis uma excelente idéia ao Departamento Científico, para a realização de um curso a respeito.

A SEUS PRESTIMOSOS ANUNCIANTES
BOAS FESTAS
O BISTURI

AOS DOUTORANDOS DE 1958 AS HOMENAGENS DO LABORATÓRIO GLAXO DO BRASIL

DR. A. CARDOSO DE ALMEIDA

N. da R. — Muitas vezes tivemos oportunidade de ler na imprensa da capital notícias mais ou menos verdadeiras a respeito das «curas» do câncer mais recentes. Para emitirmos por nossas páginas uma opinião correta, abalizada, pedimos ao Dr. Cardoso de Almeida, Assistente do Dep. de Anatomia Patológica, que escrevesse este artigo.

Dois problemas médicos, mais do que outros, têm desafiado a argúcia e a dedicação dos cinetistas: a arterio-esclerose e o câncer. Responsáveis pela maior parte dos óbitos nos países civilizados, essas moléstias centralizam hoje a atenção de grande parte da atividade dos pesquisadores.

Como todos os problemas médicos ainda sem solução, eles apresentam um campo de pesquisas excepcionalmente extenso, onde cada ideia nova representa uma longa estrada de trabalhos, e, na maior parte das vezes, de sacrifícios e desilusões.

Indivíduos de formação intelectual e científica as mais diversas, utilizando os métodos mais variados, enfrentando as incógnitas pelos ângulos mais inesperados participam da luta, que um dia, talvez, levar-nos-á ao conhecimento e à cura desses males.

Esses homens têm também formação moral e intenções às vezes surpreendentes. No problema confundem-se pessoas cujo altruísmo e dedicação tocam o nível do heroísmo e criminosos destituídos do menor escrúpulo.

Pelo seu aspecto social e dramático, pelo desafio que têm representado aos conhecimentos do homem, e pela glória que cobrirá o descobridor de sua cura, o câncer é hoje o alvo da maior parte dos interessados.

E o número deles aumenta dia a dia.

Pelo menos uma vez por semana, algum cientista, em alguma parte do mundo, comunica um método de cura do

câncer, que não resiste, infelizmente, a menor comprovação.

Em nosso meio, entre os vários descobridores da cura do câncer, destacam-se: o Sr. Coraim e o Sr. Paulo Bueno.

O Sr. Coraim chegou ao tratamento do câncer pela observação do efeto da turfa sobre a carne deteriorada. Mais propriamente pelo cheiro: pelo desaparecimento do mau cheiro da carne podre coberta com turfa. Se a carne deteriorada enterrada na turfa perde o mau cheiro, o câncer, que as vezes também apresenta áreas necrosadas de mau cheiro, poderia também ser tratado por essa substância.

Nessa ideia verdadeiramente nova, baseou suas investigações. Diz ter tirado da turfa o agente mágico, eficaz na cura dos tumores, cuja natureza e composição mantem no mais rigoroso segredo. O mecanismo de ação da substância representa também uma malabarismo biológico. Começa na absorção do carvão pela mucosa gástrica.

Após o alarde da descoberta do medicamento, que nunca curou ninguém, passou à exploração, como charlatão vulgar que é, de uma legião de infelizes, que desenganados pela medicina, procuram fora dela um raio de esperança.

E ele, calma e calculadamente os leva à miséria, antes de levá-los ao túmulo.

O Sr. Coraim já tratou pacientes aqui no H. C. Evidentemente, sem qualquer resultado. Verificada a nulidade biológica de sua ação continuou contudo o emprego dessa fór-

mula biológica — que como a uma «guitarra» — continua em segredo a produzir di-nheiro.

Um caso banal de polícia.

O Sr. Paulo Bueno também comunicou a obtenção de um preparado capaz de curar pacientes portadores de câncer.

Partindo da ideia básica de que o câncer é produzido por um vírus capaz de formar anticorpos no organismo, preparou inicialmente filtrado de um tumor mamário com o qual produziu uma vacina, que foi aplicada a animais com tumor enxertado. Essa vacina não teve efeito sobre os tumores.

Posteriormente, passou o filtrado por embriões de galinha, conseguindo o que chama de vírus M (vírus modificado). A vacina preparada com o filtrado desse vírus M, quando aplicada a animais portadores de tumor enxertado, determina, segundo Paulo Bueno, o desaparecimento dos tumores em 100% dos animais.

Esse o preparado utilizado no tratamento humano.

Para o Sr. Bueno, os neoplasmas malignos excitariam o S. R. E., produzindo anticorpos, mas após um certo período o S. R. E. seria esgotado pelo excesso do antígeno.

Aplicando as vacinas prepa-

radas com os filtrados dos vírus M, em doses pequenas, o S. R. E. não esgotaria sua capacidade de reação para a vacina, produzindo anticorpos, que por sua vez teriam ação sobre as neoplasias.

Preparou também um soro curativo, que recomenda para os casos graves. Esse soro, porém, obtido pela injeção da vacina do vírus M em cavalos, não pode ser repetido por provocar reações anafiláticas.

Esse o processo do Sr. Paulo Bueno.

Infelizmente, todas as vezes em que fui procurado para a verificação do efeto das vacinas sobre pacientes portadores de câncer, como por exemplo nos casos tratados no H. C. e em outros hospitais particulares, tive oportunidade de constatar o efeto nulo das mesmas, nesses pacientes. A aplicação da vacina não determina a menor alteração na estrutura dos neoplasmas.

Devo ainda esclarecer que desde que Roux verificou a existência do sarcoma a vírus das aves, uma multidão de cientistas produziu vacinas com um número enorme de métodos, sem qualquer efeto positivo.

O Sr. Paulo Bueno é portanto um cientista honesto, que procura uma solução para um problema difícil, solução essa que ainda não conseguiu.

ASPECTO DA AMERICANA...

(Conclusão de pag. 10)

de 23 milhões de quilômetros quadrados, em pleno processo de desenvolvimento político, econômico e social, passando mesmo em determinadas regiões, do nível de um subdesenvolvimento secular a um plano de imediata industrialização, apresenta ainda na maioria das regiões uma estrutura econômica, política e social dos tempos em que seus países eram colônias.

Urge, pois, acelerar a evolução, econômica e social da América Latina!

III — *Sudese desenvolvimento da América Latina.*

A maioria das pessoas que moram nos grandes centros, talvez lhes fuja um pouco o vislumbre da realidade econômica e social das populações latino-americanas. Isto porque, nas grandes cidades os problemas são mais ou menos afins com os problemas das maiores cidades européias ou norte-americanas, se bem que apresentem características próprias.

(Cont. no próximo número)

BERNARD «SHOW»

(Continuação da pág. 8)

mana a que o show, inexoravelmente, traz as figuras mais altaneiras mostrando «de visu» aqueles traços ridículos «gozáveis» que todos nós trazemos bem ou mal disfarçados. É este contraste aliás, do ridículo no sério, no glorioso, no intangível que fundamenta todo e qualquer tipo de humorismo. As vezes é difícil ou não se quer aceitar esta faceta histriônica e nasce o ressentimento. A propósito, todos nós sabemos como somem as caricaturas

dos jornais e do rádio nos países de regime ditatorial para dar lugar frequentemente às repulsivas «alegorias» político-doutrinárias.

E preciso saber rir, de tudo, de todos e de si próprio. Como dizia Marcial: *Ride, si sapis* (Ri se sois sábio).

Grande é a potência do riso e é temida por todos, porque ninguém está imunizado contra ele, já dizia Leopoldo.

QUADRO SEIS, HIC SUNT LEONES.

DR. NELSON CAYRES DE BRITTO

CIRURGIÃO

Consultório: Rua 7 de Abril, 230 — 4.º andar — Fone: 34-1525
Residência: Rua Cardeal Arcoverde, 850 — Fone: 8-3692
SAO PAULO

DR. PIRAGIBE NOGUEIRA

Livre Docente de Clínica Cirúrgica e de Técnica Cirúrgica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
Clínica Cirúrgica Gastroenterológica e Cirurgia Geral
Consultório: Rua 7 de Abril, 118 — 10.º andar — Apto. 1.004
Fone: 34-6276 — Das 16 às 19 horas
Residência: Alameda Lorena, 1.999 — Fone: 8-3703

DR. OSCAR SIMONSEN

CIRURGIA GERAL

Consultório: R. Marquês de Itú, 58 — 8.º and. — Fone: 36-5564
Residência: Pça. Pereira Coutinho, 24 — Fone: 61-1510
SAO PAULO

CLINICA DE OLHOS ARMANDO GALLO

OCULISTAS

Dr. Armando Gallo — Dr. B. Borges Vieira — Dr. Sergio Valle — Dr. Edson de Freitas Teixeira — Dr. A. Malta — Dr. Candido A. Bresser Soares — Dr. José Ignacio Vieira
ORTOPTISTAS
Cacilda Ferreira Gallo — Hildegard Braack — Cecília B. Moro — Lia Guidi — Mariene C. Spadaro

DR. DAGOBERTO R. DE ALMEIDA

MÉDICO-OPERADOR — C. R. M. 392

Ex-Interno da Maternidade Cimério de Oliveira — Ginecologista ao Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas
Clínica — Doenças de Mulheres — Onco-Cirurgias — Ultra-Violetas — Intra-Vermeio — Ozonioterapia
Consultório: Rua Conselheiro Crispiniano, 125 — 8.º andar
Conj. 81 — Fone: 34-0014
Residência: Av. Paulista, 171 — 12.º andar — 14.30 às 17 hs.
Apto. 122 — Fone: 31-5429
SAO PAULO

DR. ANTONIO CORREA

Assist. Clin. Otorrinolaringologia F. M. U. S. P.

Consultório: Praça da República, 386 — 5.º andar — Conj. 51 — Fone: 36-5944
Das 2 às 6 horas
Residência: Fone: 62-4696 — São Paulo — C. R. M. 1.498

DR. PLINIO REYS JUNIOR

MÉDICO

Consultório: Rua Werneck, 146 — 7.º andar — Salas 711/4 — Fone: 34-9723
Horário: Das 9 às 11 e das 2 às 7 horas

DR. KADYR DE QUEIROZ

DOENÇAS PULMONARES

Diagnóstico e Tratamento

Consultório: R. da Consolação, 13 — 5.º andar — Fone: 34-9877
Residência: Rua Germaine Burckhardt, 331 — Fone: 51-0909
SAO PAULO

DR. JOSÉ ANGELO GAIARSA

MÉDICO

Prêmio "Fundação Rockefeller" na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo — Professor de Clínica Psicotrópica da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae", da Universidade Católica
Consultório: Rua Araújo, 188 — 8.º andar — Fone: 34-0700
Consultas diariamente das 9 às 13 horas e das 15 às 19 hs.
Horas marcadas

DR. M. A. NOGUEIRA CARDOSO

MÉDICO

Rua Conselheiro Crispiniano, 29 — 7.º and. — Fone: 34-7819

DRA. ELLEN SCHWARZ

MÉDICA

CLÍNICA DE SENHORAS

Rua Conselheiro Zacharias, 345 — (Esq. Rua Veneza) — Jardim Paulista — Fone: 8-4885
Consultas: Das Segundas às Sextas-feiras das 14 às 17 hs.
SAO PAULO

DR. J. COSTA MARQUES

CLÍNICA INFANTIL

Consultório: Rua Marconi, 34 — 7.º andar — Sala 73 — Fone: 34-9221
Residência: 31-0303 — SAO PAULO

DR. ARTHUR DE ALMEIDA

OBSTETRICIA E GINECOLOGIA

Diretor Clínico da Maternidade da Lapa — Obstetra da Casa Maternal e do I.A.P.C.
Consultório: Rua 7 de Abril, 118 — Fone: 36-7761
Residência: Fone: 9-1947

DR. ARY LEX

MÉDICO DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS

CLÍNICA MÉDICO-CIRURGICA

Consultório: Pça. da República, 299 — Salas 503 e 504 — 5.º andar — Fone: 36-65/1 — Consultas das 16 às 18 horas.
Residência: Rua Natingui, 415

DR. INNOCENCIO SARNO

MÉDICO-OPERADOR

Doenças de Mulheres — Vias Urinárias

Consultório: Praça Ramos de Azevedo, 195 — 5.º andar — Salas. 503, 504, 512 — Das 14 às 16 horas — Fone: 34-1575
Residência: Fone: 34-6444 — SAO PAULO

DR. LADISLAU LENGYEL

Ex-Assistente da Universidade de Budapest — Membro da Academia de Medicina S. P.
Clínica Médica — Cardiologia — Eletrocardiografia
Consultório: Rua Conselheiro Crispiniano, 53 — Conj. 23 — Fone: 35-4534
Residência: Rua D. Pedro II, 949 — Fone: 61-7244

A Laborterapica - Bristol S. A.

CONGRATULA-SE COM OS
DOUTORANDOS DE 1958 DA
FACULDADE DE MEDICINA
DA UNIV. DE S. PAULO, AU-
GURANDO-LHES UM PORVIR
DE SUCESSOS E GLÓRIAS.

SUPER-CONVAIR

PARA O

SUL

2 vezes por dia
CURITIBA

Diariamente
FLORIANÓPOLIS

Diariamente
PÔRTO ALEGRE

REAL

Cabine pressurizada

Ar condicionado

Macias poltronas reclináveis

Serviço de luxo

★

Libero Badaró, 370 — T. 35-2455

Cons. Crispiniano, 375 — T. 35-8151

HORA DE FAZER AS CONTAS

DAVID J. LERER

Ninguém pode por em dúvida que capitais estrangeiros aplicados em atividade produtiva num país levam a um aumento de produção. Este fato é especialmente notável num país como o nosso onde se luta com os restos de feudalismo e colonialismo ainda grudados ao casco da nação e que tende, pela dinâmica da História a uma era de rápida evolução industrial.

Várias são porém as maneiras de aplicar capitais. E nesta dependência tanto podem eles transformar-se em ferramenta de emancipação econômica como em canga de escravidão.

A nossa maior fonte de capitais estrangeiros são os Estados Unidos.

EMPRESTIMOS E INVESTIMENTOS DIRETOS

A ajuda econômica estrangeira pode realizar-se de duas maneiras:

1.º — Por meio de investimentos privados diretos.

2.º — Por meio de empréstimos bancários ao governo ou a donos de empresas nacionais.

É evidente que a mais benéfica ao desenvolvimento da nação é a segunda, por várias razões: este capital, em mãos do governo ou mesmo de empresas, se bem orientado, será aplicado na exploração de nossas riquezas naturais e na expansão da produção de base dentro das diretrizes mais convenientes aos interesses nacionais. Foi desta forma de cooperação que nasceram Volta Redonda, Paulo Afonso e a Fábrica Nacional de Motores. Os lucros decorrentes desta expansão ficam dentro do país, funcionando como novos capitais que serão reinvestidos, formando-se com o tempo um capital nacional.

Isto não acontece com a primeira fórmula (o investimento privado direto). Também neste caso, é lógico, há formação de novos capitais a partir do capital inicial. Porém apenas irão engrossar o cabedal das empresas estrangeiras que investiram. Com isto absorvem grande parte das divisas de que dispomos, tornando-se empre-

ndimentos onerosos e levando a um endividamento altamente nocivo à economia nacional.

Isto quanto à nação. E quanto ao capitalista brasileiro?

Os capitais estrangeiros levam em relação aos nacionais uma dupla vantagem: uma referente a nossa própria estrutura cambial que lhes concede grandes facilidades com as leis de proteção ao capital estrangeiro. A outra refere-se ao fato de os investidores estrangeiros serem poderosas organizações internacionais, muitas vezes verdadeiros trustes, contra os quais os relativamente modestos capitais indígenas não podem competir.

Os norte-americanos sempre preferiram, é lógico, o investimento particular direto.

INVESTIMENTOS EUROPEUS E INVESTIMENTOS AMERICANOS

É ponto pacífico que o investimento privado direto é

a menos favorável das formas de ajuda estrangeira. Porém dependendo da forma que assume pode ser útil e colaborar positivamente para o progresso do país. É o que tem acontecido com os capitais europeus no Brasil.

Até o início da primeira guerra mundial há uma preponderância absoluta de investimentos europeus, principalmente ingleses no Brasil. Inclusive os serviços públicos (iluminação, transportes urbanos, estradas de ferro, navegação, telégrafo, companhias de seguro e exploração de minas) e todos os produtos de consumo imediato, com exceção de alguns produtos agrícolas são europeus.

Com a primeira guerra mundial estanca-se a fonte européia e o seu lugar é ocupado pelos norte americanos. Durante um longo intervalo de tempo os capitais europeus continuam a declinar de importância ao passo que as inversões nor-americanas mais e mais se intensificam.

Em 1950 porém, terminando o período de restauração européia, a economia do Velho Mundo começa a reconquistar forças. Recomeça a produzir e surge a necessidade de mercados. Perdas as colônias volta-se a Europa para a América Latina. A luta primeira é na conquista de mercados, competindo com os E.E.U.U.

Encontram porém uma situação de fato: os E.E.U.U. adquiriram uma fortíssima posição no fornecimento de artigos, quer os de maior, quer os de menor necessidade. Ao mesmo tempo, desde a 1.ª Guerra Mundial evoluíram bastante os países sul-americanos principalmente o Brasil. Especialmente neste, está se realizando um processo de "descolonização". Este processo se caracteriza pela industrialização crescente e pela maior produção para o mercado interno. Passa assim a nação a ser mais auto-suficiente, comprando menos coisas no exterior. Por isso não pode ser aplicado com a antiga eficiência o método de troca de produtos manufaturados por artigos de extração agrícolas e minerais.

Em vista disso voltam-se os europeus para uma nova modalidade de investimentos; instalação de equipamentos e fábricas completas. São bons exemplos as que foram montadas pela Mercedes Benz, Mannesmann, Schneider-Creuzot, e outras, da Alemanha, França e Itália.

Amplamente pode o Brasil obter desta nova orientação, pois vemos que apenas ultrapassada a etapa da indústria leve faltam ao Brasil capitais, técnicos, patentes, para passar a outros ramos. São os investimentos europeus que vem ajudar a suprir estas carências.

Estas considerações sobre o capital europeu no Brasil podem fazer-nos entender alguns dados muito instrutivos: entre janeiro de 1953 e junho de 1954 os investimentos de capital privado estrangeiro somaram cerca de um bilhão e dez milhões de cruzeiros. Os europeus entraram com pouco mais de 377 milhões. Destes, 162 milhões foram empregados em indústrias de base. Os americanos, por sua vez investiram mais de 632 milhões, dos quais apenas 8 milhões em indústrias básicas (diga-se de passagem que parte importante deste capital é constituído por lucros aqui obtidos e reinvestidos).

Os investimentos americanos orientam-se especialmente na instalação de filiais de caráter comercial, com a finalidade simples e única de vender produtos fabricados nos EUA.

Este tipo de investimento é sem dúvida muito conveniente para os americanos.

Por isto, de uma forma ou de outra, sempre se esquivaram os E.E.U.U. a fazer investimentos ou empréstimos que viessem aumentar o potencial técnico e financeiro brasileiro. Muitas desculpas foram apresentadas. Ora a dupla taxação que recaía sobre os capitais investidos ora o nacionalismo agitado que não fornecia garantias aos investimentos, ora a legislação trabalhista muito evoluída, ora a oscilação cambial, ora a inflação. Fracos pretextos. O que falta é interesse: por um lado os E.E.U.U. têm outras áreas para inverter capitais, como o Canadá, Venezuela, México, África e a própria Europa de após guerra. Por outro lado o Brasil constitui um esplêndido mercado para seus produtos de consumo, mercado que cresce cada vez mais em poder aquisitivo, não valendo a pena modificá-lo.

CONCLUSÃO

Até uma determinada etapa de nossa história econômica, devido a uma série de fatores, entre os quais nossa economia de base extrativa e nossa sistema social primitivo desempenhamos papel de compradores de produtos de consumo e exportadores de matéria prima e artigos agrícolas. Chegamos porém a uma era nova em que o crescimento da população, o aumento do seu poder aquisitivo, o início de nossa expansão industrial aliado ao despertar de um pensamento nacionalista independente criaram uma nova situação econômica. Tornaram-se obsoletas e inconvenientes para o Brasil as fórmulas de financiamento externo até agora mantidas. Os nossos vizinhos do Norte devem convencer-se disto. E já estão paulatinamente se convencendo, pois outro remédio não há.

É mister entenderem que nas relações entre duas nações a unilateralidade das soluções econômicas traz o desassossego e a indignação falsa acende o incêndio da revolta.

FONTES

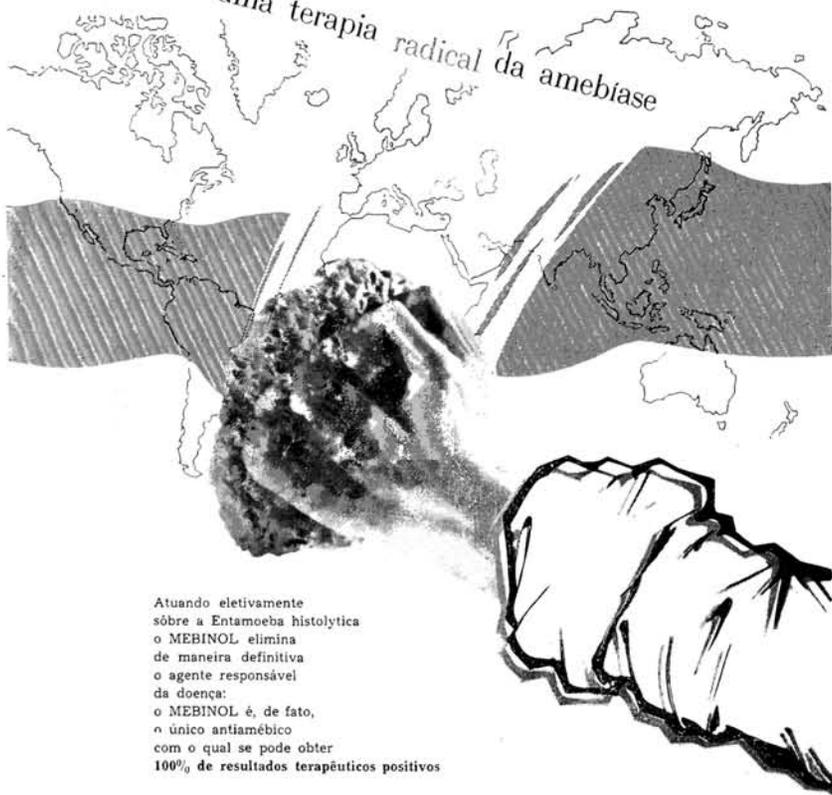
"Capitais europeus no Brasil": Heitor Ferreira Lima Revista Brasileira n.º 4.

"Balanço da industrialização brasileira": H. F. Lima R. B. n.º 3

"Capitais estrangeiros e interesses nacional" H. F. Lima R. B. n.º 19.

"Capitais estrangeiros e capitais nacionais" Caio Prado Jr..

Para uma terapia radical da amebíase



Atuando efetivamente sobre a Entamoeba histolytica o MEBINOL elimina de maneira definitiva o agente responsável da doença: o MEBINOL é, de fato, o único antiamébio com o qual se pode obter 100% de resultados terapêuticos positivos

FORMULA: Cada comprimido contém: N - (beta-oxietil) - N - (p-fenoxi (4-aitro) - benzil) dicloracetamida 250 mg; excipiente q.p.p. 300 mg.

MEBINOL

Altamente eficaz
ótivamente tolerado

ERBA

ANDAR DE AVIÃO NÃO BASTA — O QUE O SENHOR
PRECISA... É VOAR CONFORTAVELMENTE PELA

Cruzeiro do Sul

Novo Estrogênio de ação prolongada, recomendado especificamente no tratamento do Carcinoma Prostático

Registramos o aparecimento de um estrogênio de ação prolongada, dotado de um mecanismo de ação singular e recomendado, especificamente, no tratamento do carcinoma prostático.

Trata-se do fosfato de poliestradiol (marca comercial: Estradurin), um políster do ácido fosfórico e 17-B estradiol, de elevado peso molecular e hidrossolúvel.

A ação prolongada do fosfato de poliestradiol é atribuída à lenta e progressiva degradação metabólica, no organismo, de sua grande molécula, polimerizada, composta de unidades múltiplas de estradiol.

Um nível constante de atividade estrogênica é mantido, por longos períodos, graças à liberação, por hidrólise, de unidades biologicamente ativas de estradiol.

No que concerne ao mecanismo de ação, as pesquisas levadas a cabo por Diez-falusy e colaboradores permitiram verificar não ter o fosfato de poliestradiol nenhuma ação de depósito local, posto que após uma única injeção subcutânea, 90% da dose total desaparece, dentro de 24 horas, do sítio da injeção. A maior parte da dose injetada desaparece rapidamente da corrente sanguínea, notando-se a presença de quantidades variáveis no sistema retículo-endotelial, onde parece passivo o depósito da substância. À medida que a quantidade de fosfato de estradiol cai de um certo nível, maior quantidade passa do sistema, retículo-endotelial para a corrente sanguínea, donde resulta a manutenção de níveis relativamente constantes. A desfosforilação da molécula mãe «inativa» ocorre no sangue, progressivamente, havendo portanto, uma vagorosa e prolongada liberação de estradiol. O que indica processar-se a hidrólise, na corrente sanguínea é o fato de que, no sangue, níveis elevados de fosfato de poliestradiol sofrem rápido desaparecimento. Pacientes ovariectomizadas que receberam fosfato de poliestradiol apresentaram níveis urinários fisiológicos de estrógeno, cuja proporção revelou-se relativamente constante por um longo período. Além do estradiol, foram recuperados da urina, estrona e estriol, prova de que o processo de eliminação assemelha-se ao da menstruação normal na mulher.

As observações feitas por Goodhope e outros em 110 pacientes portadores de carcinoma prostático, dos quais 50% orquetomizados, permitiram avaliar o alto grau de eficácia do novo estrogênio aliado à ausência de toxicidade. Figuravam, entre esses pacientes, 12 que se haviam mostrado refratários a outros estrógenos, inclusive o dietilestilbestrol e o clorotrianisne. A dosagem média foi de 40 mg. mensalmente ou seja uma só injeção mensal.

Segundo Goodhope, a terapêutica pelo novo estrogênio revelou-se «efetiva, destituída de efeitos tóxicos, de fácil aplicação e bem aceita pelos pacientes», observando-se melhoria clínica em 93% de todo o grupo, na seguinte ordem de frequência: maior sensação de bem estar, melhor aptitude, ganho de peso, modificações palpáveis na próstata e redução da dor.

Outros benefícios da terapêutica experimentados pelos pacientes incluem «redução do edema das extremidades melhoria do estado cardíaco e desaparecimento da diarreia».

Os dados acima parecem indicar que o fosfato de poliestradiol constitui um avanço na terapêutica estrogênica do carcinoma prostático, merecendo ampla aceitação clínica.

PREMIOS DA A.A.A.F.M.U.S.P.

Realizou-se dia 18 de dezembro de 1958, a cerimônia de entrega dos prêmios instituídos pela Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Medicina da U. S. P.

Prêmio Prof. Alfonso Bovero — vencedor dr. Orlando Marques de Paiva pelo trabalho: «Contribuição para o estudo da Anatomia de «Plexus coeliacus no cão».

Prêmio Richard M. Pearce Jr. — vencedor Dr. Luís Rey pelo trabalho: «Contribuição para o conhecimento da morfologia, biologia e ecologia dos Planorbídeos Brasileiros transmissores da Esquistossomose. Sua importância em Epidemiologia».

Prêmio Prof. Rezende Puech — vencedor Dr. Wilhelm Kenz-

ler o Doutorando José Aristodemio Pinotti pelo trabalho: «Contribuição ao estudo do padrão normal do colestogramma e da prova de Boyden».

Dirigiu a solenidade o Prof. Carlos da Silva Lacaz. Perante numerosa assistência, em nome da Associação falou o dr. Arnaldo Amado Ferreira, tendo considerações em torno da natureza dos prêmios, em nome de vultos ilustres de nossa Faculdade e saudou os vencedores de 1958.

Pelos homenageados falou o dr. Luís Rey, agradecendo à Associação os prêmios conferidos, salientando a grande valia para o fomento científico da atividade da Associação, conferindo estes prêmios anualmente.

A GRIPE ASIÁTICA

A Organização Mundial de Saúde, no seu boletim n.º 291 apresentou o histórico da difusão do vírus na última pandemia gripal, que teve início na Ásia.

Um fato curioso, que varios autores comprovaram, foi que os indivíduos de mais de 70 anos, dificilmente foram atingidos, pois estavam imunizados, o que fez supor que a epidemia gripal de 1889-90 fôsse devida a um vírus, que desde aquela época, não reaparecera.

O tratamento antibiótico de largo espectro era ineficiente, mas servia de profilático às complicações bronco-pulmonares, responsáveis pelo menor número de óbitos verificados.

BERNARD «SHOW»

(Conclusão da pág. 3)

grande receptividade constituído por colegas e afins nos explica porque cada «show» demora alguns meses como assunto dos grupinhos dos corredores do hospital e do nosso sagrado «porão».

E constituem entidades

autônomas: o «show» de 45, o «show» de 57, o «show» de 58, traduzem volumes estanques de estudo crítico da situação acadêmica em face dos problemas que a afligiam nessa época. Uma coleção que até hoje tem volumes! Quadro cinco: — Mas nem sempre o «show» é só ale-

gría. As vezes fica um laivo de ressentimento por um dito impensado, por um sentido acessório que escapou ao crivo da «censura». Então fica o travo, pois nem sempre se compreende ou melhor, se aceita, o denominador comum que é esta pobre e humilde condição hu-

(Continúa na pág. 6)

PINHEIROS

ALTA CONCENTRAÇÃO
MELHOR ABSORÇÃO
PERFEITA ESTABILIDADE
SABOR DELICIOSO

Receitas

A-VI-PEL
D-VI-PEL
A-D-VI-PEL
POLI-VI-PEL
VITSALMIN

Emulsões

A-D-BOM
EMULVIT



Rodine
A marca de confiança

DOR - GRIPE - RESFRIADOS
RODINE
CAFEINADA

A boa enfermeira

R-27-158

OS LABORATÓRIOS BIO SINTÉTICA S. A.

Prestam sua homenagem aos Doutorandos de 1958 da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, augurando-lhes um futuro brilhante.



AOS NOVOS MÉDICOS

— turma de 1958 da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Nossos parabéns e votos de uma brilhante carreira



E.R. SQUIBB & SONS, S.A.
Produtos Químicos, Farmacêuticos e Biológicos

UM SÉCULO DE EXPERIÊNCIA INSPIRA CONFIANÇA

Socialização ou Racionalização da Medicina?

Jeni Maria M. Coronel

Um problema que frequentemente nos preocupa é o da não correspondência entre os benefícios que a sociedade nos propicia e a retribuição que de justiça deveríamos dar à sociedade. Com a contribuição inclusive das classes humildes sustentada-se o monumental arcabouço da Universidade; como retribuição, à Universidade cabe o encargo de esclarecer o povo, impulsionar a cultura e o progresso técnico, a fim de que se eleve o padrão intelectual e se melhorem as condições de vida.

Nesse segundo aspecto, especialmente, encontramos os elementos fundamentais do compromisso de formação do médico: O dever de realizar a melhoria do nível sanitário, de higiene, bem como, no exercício individual da profissão, a ação direta a favor das classes menos favorecidas.

Mas, como orientar essa retribuição? As medidas individuais esparsas ficam muito aquém da dívida real. Urge portanto um estudo mais profundo, uma meditação mais séria, a fim de se encontrar uma solução que corresponda ao ideal do Bem Comum.

SOLUÇÃO PROPOSTA:

Dentre as soluções propostas uma é a da socialização da Medicina; todavia pouco ou nada tem se analisado sobre o assunto entre os estudantes; o problema apresenta-se confuso, vagamente conhecido. É necessário entretanto que se estude a Socialização da Medicina, se ela é ou não aplicável em nosso meio, sob que base, etc.

MEDICINA SOCIALIZADA E MEDICINA DE ESTADO

A confusão mais comumente feita é entre Medicina Sociali-

zada e Medicina de Estado, isto porque em alguns países, como na Rússia Soviética, os dois aspectos estão unidos. Na Inglaterra também tem-se aplicado esse sistema.

MEDICINA SOCIALIZADA

— Toda vez que a Medicina é exercida de forma a ser o custeio pago adiantadamente pelo indivíduo na proporção de suas posses e distribuem-se os benefícios de assistência médica de maneira igualitária, estamos diante da socialização da Medicina. Dessa forma vê-se que pode existir uma organização socializada da Medicina à revelia do Estado, por exemplo a executada por uma associação médica.

MEDICINA DE ESTADO

— É a Medicina exercida por médicos assalariados pelo Estado, porém os serviços de assistência não são obrigatoriamente prestados nos moldes da Medicina Socializada. Exemplo temos na Medicina de Estado que vigora entre nós, nos Institutos, que bem longe estão daqueles princípios de Medicina Socializada que atrás apontamos: Contribuição de acordo com a capacidade de cada um e retribuição segundo a necessidade.

INTERFERÊNCIA DO ESTADO

Para a execução do processo de socialização da Medicina o Estado pode, portanto, interferir em diferentes graus ou mesmo não interferir.

No primeiro caso ele pode ou limitar-se a receber contribuições, ou receber e administrar a aparelhagem ou ir muito adiante, regulamentando até o comportamento do mé-

dico. Disso se conclui que a socialização pode ser de pequena, média ou grande amplitude e com ou sem intervenção do Estado.

RACIONALIZAÇÃO DA MEDICINA

A socialização da Medicina, senso estrito, representa um processo de distribuição, de proteção e de defesa da saúde, realizado à custa de contribuições de todos e que acompanha o processo de socialização dos meios de produção; todavia, senso lato, socialização da Medicina é sinônimo de Racionalização da Medicina, isto é, o processo pelo qual os benefícios da Medicina são acessíveis a todos dentro do mínimo dispêndio.

A Noruega, por exemplo, com seus três mil e quatrocentos médicos possui uma forma de Medicina racionalizada de alta eficiência e perfeitamente compatível com sua estrutura econômica não socializada. Outro exemplo é a Inglaterra, cujo sistema apresentaremos a título de esclarecimento.

SOCIALIZAÇÃO E LIBERDADE

O primeiro problema a ser considerado quando se pensa na Socialização da Medicina é o da não interferência na liberdade de escolha do cliente, no direito de optar pelo médico de sua confiança, bem como da liberdade de ação do médico como profissional. No momento atual, em que cada vez mais está em foco o papel que jogam as relações humanas nas atividades profissionais, não será atitude progressista instituir um sistema de assistência médica que não leve em

conta o lado humano da questão.

SOCIALIZAÇÃO NA INGLATERRA

A finalidade visada na Socialização dos Serviços Médicos na Inglaterra é tão somente que a disciplina esteja na organização do serviço, deixando ampla liberdade a cliente e médico, conforme observou o Dr. Nelson Cayres de Brito, que lá esteve a fim de observar como pode funcionar a Socialização da Medicina num país de organização liberal capitalista.

A Inglaterra e País de Gales, para fim de assistência Médica, foram divididos em catorze áreas hospitalares. Londres tem quatro áreas onde são atendidos nove milhões de habitantes.

Os médicos são divididos em três grupos:

1 — Os professores, que não podem clinicar — Trabalham nas Faculdades em regime de tempo integral.

2 — Os pertencentes ao «National Health Service» e que constituem a maioria absoluta.

3 — Os que além de pertencerem ao serviço dedicam-se também à clínica particular.

A tendência é porém para dedicação de todo o tempo ao serviço. Os médicos recém formados são aproveitados em massa e passam a trabalhar logo após a formatura. O serviço difundiu-se de tal forma que apenas 4% da população não o utiliza.

Cala médico recebe uma lista de clientes da região a que pertence e pode atender no máximo 2.500 pessoas por ano remuneradamente. Se atender a mais não recebe por esse serviço. O doente por sua vez pode mudar de médico ou ser atendido por outro, no caso de ausência do primeiro.

A observação do Dr. Cayres de Brito foi de que os médicos atualmente ganham mais do que no tempo em que a Medicina não era socializada. Alguns queixam-se da burocracia, porém a maioria sente-se garantida. (Há melhor distribuição da clientela).

RECURSOS

O National Health Service obtém seus recursos através de uma taxa de saúde que recai sobre toda a população, proporcionalmente a renda de cada cidadão; é o seguro de saúde, que equivale a um imposto. Antigamente dava direito a tudo, atualmente há restrições devido a alta do custo de vida (óculos, aparelhos ortopédicos, uma segunda dentadura, etc., tem de ser comprados pelo cliente). Há desconto apre-

ciável no preço dos medicamentos.

Fato curioso é o de que as primeiras tentativas para socialização da Medicina na Inglaterra surgiram quando estava no poder o Partido Conservador. A associação médica britânica opunha-se de início a qualquer medida nesse sentido. Em 1949 o Partido Trabalhista determinou a transformação e, atualmente, dados os benefi-

cios que trouxe, o próprio partido conservador procura manter a socialização da Medicina na Inglaterra.

Quanto ao Brasil, não creio que se deva tomar por modelo o esquema de socialização de outros países, diferentes do nosso culturalmente. São as condições locais que devem guiar para que se estabeleça um plano com lógica e bom senso.

A MED nos certames oficiais

Dando seqüência à marcante atuação em competições do calendário fupense, lançamo-nos na reta final para a conquista da Taça Eficiência. Nos torneios em que participamos, conseguimos lograr resultados satisfatórios, que determinaram a obtenção de valiosos pontos; assim ficou com a AAAOC o troféu máximo da FUPE.

BEISEBOL — No Campeonato Paulista Universitário de Beisebol tivemos a 5.ª colocação. Não conseguimos realizar os adeptos deste nível esporte o que deles se esperava. Vinham de uma modesta atuação no Torneio, reabilitaram-se de maneira espetacular e imprevista na Mac-Med, mas falharam desta feita, evidenciando a irregularidade de comportamento, decorrente da falta de espírito de equipe. Seus responsáveis devem proporcionar um maior dinamismo às atividades da equipe, com treinos coletivos, maior número de jogos amistosos, etc.

HIPISMO — Honroso terceiro lugar foi obtido no Campeonato Universitário de Hipismo, setor masculino. Francisco Maffei classificou-se em 3.º e Gelson Spinelli em 7.º, defendendo as cores da MED. Sagrou-se campeã individual a amazona Helga Verena Leoni, além de proporcionar-nos o título coletivo, visto ser a AAAOC a única participante no setor feminino.

HANDEBOL DE SALÃO

— Grata surpresa nos reservou o Handebol de Salão. Um entusiasmo contagiante levou nossos atletas à quadra do Pacaembu, onde todos queriam jogar, existindo inclusive elementos de sobra. Com este espírito, lançamo-nos à luta, conseguindo a 3.ª colocação, perdendo apenas para a AAA Rui Barbosa, que foi a campeã, no período de prorrogação.

ATLETISMO — Sem dúvida, o atletismo vinha pro-

porcionando aos adeptos da MED satisfações imensas; suas vitórias culminaram no Campeonato Atlético dos Novos da FUPE e no troféu «A Gazeta Esportiva». Duas brilhantes atuações, que nos colocaram em evidência nas pistas atléticas. No Campeonato dos Novos fizemos 219 pontos, contra 175 da Politécnica. Só estes números refletem a nossa superioridade de no setor masculino. Na parte feminina tivemos a segunda colocação.

O revezamento 4x400, troféu «A Gazeta Esportiva», foi vencido facilmente pelos atletas Paulo Gaudêncio, Valter Colli, Salvador Carlos de Almeida e Goro Ono, com o tempo de 3 minutos, 41s-6 décimos, ressaltando-se naturalmente o pouco empenho a que foram solicitados por seus oponentes.

ESQUISTOSSOMOSE

Recentemente o Dr. Mário Pinotti disse que atualmente existem quatro milhões de esquistossomóticos no Brasil.

A comissão que deveria tomar providências sobre os casos autoctones registrados na capital, desistiu de tratar do problema.

Em relação à esquistossomose, os cientistas de Porto Rico admitem que existe um antagonismo biológico entre o *Australorbis glabratus* e o *Marisa cormarietis*.

A confirmação da experiência dos autores «in natura» vem abrir novos horizontes à profilaxia do mal.

O artigo publicado no «American Journal of Tropical Diseases and Hygiene», de Setembro de 1958, não traz, entretanto dados muito concretos; mas, é lógico que as pesquisas nesse sentido devem ser amplas, pois, permitirá, se forem coroadas de sucesso, debelar uma terrível endemia.



POSTO DE SERVIÇO TEXACO ANGELICA
— DE —
CAMILLO MORELLI & IRMÃO LTDA.
Onde V. S. encontrará todos os produtos da famosa linha TEXACO
GASOLINA — MOTOR — OLEOS — GRAXA
ACESSÓRIOS
Especialidade em filtro de óleo para todos os tipos de automóveis.
ATENÇÃO E CORTESIA
AVENIDA REBOUÇAS, 158 — AVENIDA ANGÉLICA, 2843
TELEFONE: 51-6865
CONFIAM OS SEUS CARROS AO
POSTO DE SERVIÇO TEXACO ANGELICA
OS MÉDICOS, ALUNOS E FUNCIONÁRIOS DO H. C.


AYERST DO BRASIL S. A.
Saída os doutorandos de 1958,
augurando-lhes um brilhante e
vitorioso porvir.

Noticiando e Comentando

A C.M.T.C. AUMENTOU SUAS TARIFAS...

... o povo reclamou, os operários se movimentaram e os estudantes deram início a uma campanha que teve ampla repercussão.

O movimento de paralização do tráfego de bondes e ônibus contou com a participação ativa dos alunos desta Faculdade, que tiveram inclusive que enfrentar a ameaça da polícia e das baionetas.

Também na passeata de protesto organizada pela U.E.E., o comparecimento da nossa turma, apesar de pequeno, proporcionalmente ao número de manifestantes foi bom.

Tudo isso vem demonstrar que a consciência universitária tem de se formar não só nos bancos escolares, mas também nas ruas, no contacto dinâmico com as necessidades da hora presente.

NUNCA POUAMOS AO DR. DANTE NESE...

... as críticas que lhe julgamos merecidas. Agora chegou, porém, a hora em que, por justiça, temos de cumprimentá-lo por sua atuação simpática e decidida ao lado dos alunos quando o movimento referido acima, de paralização do tráfego, passava por seus momentos mais críticos de frente à Faculdade. Muito obrigado, sr. Secretário!

MAS NEM POR ISSO...

... vamos deixar de lembrá-lo, Dr. Dante, que novamente está se formando frente à F.M.U.S.P. um denso e tenebroso matagal. Vamos começar tudo de novo...

BASTANTE TUMULTUADA...

... foi a despedida dos deuterandos neste ano. Resultado: suspensão por 30 dias, de toda a turma, e sindicância mandada efetuar pelo próprio governador.

A última despedida movimentada que teremos nesta Faculdade será provavelmente aquela em que se colocar uma bomba um pouco forte demais nas fundações do edifício. Então será mesmo a última...

1958 FOI PARA A NOSSA ESCOLA...

... um ano de bastante repercussão fora de seus muros. Assim é que, dos Estados Unidos chegam-nos notícias de que o Dr. João Tranchesi vem se impondo cada dia mais como cardiologista e introdutor de novos conhecimentos sobre Eletrocardiografia.

No campo da Anestesiologia, tem repercutido intensamente a atuação e os trabalhos dos Drs. Takaoka e Antônio Pereira de Almeida e Dra. Narvais.

Recentemente, acaba de conquistar a Cátedra de Otorrinolaringologia na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio Grande do Sul, o Dr. Moisés Cotin, também sendo das bancas da F.M.U.S.P. e do H.C.

APROVEITAMOS O ENSEJO...

... dessas comunicações sumamente gratas, para demonstrar ao Prof. E. Vasconcelos que O BISTURI não se ocupa apenas dos aspectos

negativos desta Faculdade, interessando-se também pelo que nela é motivo de orgulho para nós.

HÁ A ACRESCENTAR AINDA...

... que o Prof. Vasconcelos recebeu convite para integrar a comissão julgadora do Prêmio Nobel de Medicina de 1959, motivo mesmo que está dando lugar a polêmica em nosso meio.

Ao tom da exclusividade que teria esse convite, contestam outros, dizendo ser ele extensivo também a vários professores da F.M.U.S.P.

De fato, tem razão o Prof. Vasconcelos quando costuma dizer que a melhor maneira da gente se desentender... é falar.

DEPOIS DO CONCURSO...

... para a cadeira de Anatomia Patológica, deixaram o Departamento, os Drs. Thales de Brito, Lopes de Faria e Dino de Almeida.

O Dr. Thales trabalha agora na Microbiologia e posteriormente dirigirá a parte de anatomia patológica do futuro Instituto de Medicina Tropical. O Dr. Faria faz parte agora do Departamento de Histologia.

Por ocasião de sua transferência, o Dr. Thales foi homenageado e apresentado pela turma do 3.º ano.

ASPECTO DA AMÉRICA LATINA

Takudy Tanaka

I — Preâmbulo

"Toda ação atual constituiria energia perdida para a sociedade, desde que não tendesse para finalidades vindouras; e, em rigor, tudo quanto se quer para o presente, só se pode realizar no futuro. Compreende-se, em suma, que o chamado espírito conservador, quando intenta conservar o passado, que já não existe, só atua

no sentido de retardar o porvir, que sobrevém, mesmo contra o seu desejo.

Vive-se num continuo futuro, e todo liame do passado é uma atenuação de possibilidade; quanto mais rubermegem os anciões em sua memória e os povos em sua tradição, tanto menos se revela a sua vitalidade criadora e fecunda para plasmar o porvir. Uma geração, para poder afirmar que viveu, deve deixar à que mais do que tenha recebido da procedência; não merecem colher a messe de hoje os que não semearam a semente de amanhã."

JOSE INGENIEROS — "AS FÓRÇAS MORAIS"

II — Considerações gerais

Muito embora a América Latina seja um vasto continente, abrangendo uma área

(Continúa na pag. 6)

INSTITUTO DE MEDICINA TROPICAL

Quando o Prof. Carlos da Silva Lacaz voltou de sua recente viagem à Europa, procuramo-lo para ouvir dêde as impressões recebidas do Velho Mundo. Já então o assunto que se revelava de maior importância era o da criação do Instituto de Medicina Tropical. As considerações que se seguem a essa nova entidade da USP



Futuro Instituto de Medicina Tropical de São Paulo

A idéia da criação de um "Instituto de Medicina Tropical", anexo à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, nasceu da recente viagem que fiz à Europa, onde tive a oportunidade de assistir, em Lisboa, os Sextos Congressos Internacionais de Medicina e de Paludismo, realizados de 5 a 13 de setembro. Nesta oportunidade visitei o Instituto de Medicina Tropical de Lisboa e o Instituto de Medicina Tropical, da Suíça, em Easliéia, conhecendo igualmente, através da exposição de material fotográfico e outros documentos, diversos institutos de medicina tropical, tais como os de Hamburgo, Londres, Liverpool, Puerto Rico, Calcutá, An-tuérpia, Amsterdã, Moscou e o Instituto de Clínica delle Malattie Tropicali e Subtropicali, da Universidade de Roma. Impressionado com o grande interesse que os europeus dedicam ao estudo dos problemas da me-

contribuirá, de maneira notável, para o estudo e a solução dos grandes problemas que constituem o vasto campo de ação da medicina tropical em nosso País.

Longo caminho deverá ser ainda percorrido, antes que alcancemos todos os nossos objetivos. Estamos certos, porém, de que jamais nos serão negados os recursos e os meios de ação para alcançarmos a nossa meta, e em tal sentido nossos esforços serão conjugados, visando

- 2.o) Colaborar na luta contra as endemias rurais.
- 3.o) Manter e desenvolver o intercâmbio científico com todos os centros, nacionais e estrangeiros, de Medicina Tropical.
- 4.o) Organizar missões científicas no país e no estrangeiro, para o estudo de temas referentes às doenças tropicais, infecciosas ou parasitárias.



ANO XXV Casa de Arnaldo, Novembro-Dezembro de 1958

N.º 90

dicina dos trópicos, manifestei aos professores Antônio Dácio Franco do Amaral e João Alves Meira, bem como ao Prof. João de Aguiar Pupo, o meu interesse em dilatar as finalidades do Pavilhão de Virus e Rickettsias da Faculdade de Medicina, transformando-o em instituição mais ampla, na qual se estudassem as inúmeras e importantíssimas endemias que constituem o campo de ação da medicina tropical no Brasil. Seria esse Instituto mais um organismo a colaborar na luta contra as doenças que impedem nossa maior expansão demográfica e estiolam a economia da Nação. Ainda na Europa, esta minha idéia foi exposta aos Professores Samuel Barnsley Pessa e Ernst Nauck, este último, Diretor do Instituto de Medicina Tropical, de Hamburgo, os quais manifestaram inteiro apoio a esta iniciativa, pelos reais benefícios que ela irá proporcionar ao meio médico brasileiro. O apoio e os aplausos que vimos recebendo mostram que a idéia já é vitoriosa dentro da Faculdade de Medicina, onde seus órgãos técnicos estudam o organograma do Instituto, bem como o Regulamento que norteará suas atividades. Achemos que o entrosamento harmonioso das 3 cátedras — de Microbiologia e Imunologia, de Parasitologia e da Clínica de Doenças Tropicais e Infecciosas, formando novas equipes de trabalho, dará impulso extraordinário ao aperfeiçoamento do nosso ensino médico, ao mesmo tempo que

contribuir para o fortalecimento do Brasil e o bem-estar da humanidade. A fim de que os estudantes desta Faculdade avaliem a importância do nosso Instituto, basta citar algumas de suas finalidades, a saber:

- 1.o) Contribuir para o mais rápido e melhor desenvolvimento dos estudos experimentais e pesquisas clínicas sobre as grandes endemias que constituem o campo de ação da Medicina Tropical, no Brasil.
- 2.o) Administrar aos estudantes de medicina o Curso de Virologia.
- 3.o) Estabelecer, oficialmente, cursos de pós-graduação para a formação de médicos tropicalistas, nacionais e estrangeiros, tal como se faz em outras partes do mundo.
- 4.o) Fundar e manter um Museu e um Mostruário de Medicina Tropical, nos moldes do "The Wellcome Museum of Medical Science" (Londres).
- 5.o) Promover campanhas de educação sanitária em torno dos grandes problemas investigados pelo Instituto.
- 6.o) Editar uma revista especializada, na medida de suas possibilidades, aos diferentes setores da Faculdade de Medicina e Hospital das Clínicas, a outros institutos da Universidade de S. Paulo, bem como aos serviços de

Acaba de sair o número 67 de

«ANAIS CIENTÍFICOS»

de cujo sumário consta...

“São Paulo Universitário”

A Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, sua influência no Estado de S. Paulo e no Brasil

Jornada Amazônica a mais bela página de Martius

Rio Grande do Sul Universitário

O novo edifício da Reitoria e sua inauguração oficial

e mais... selecionados artigos Científicos, estrangeiros e nacionais

HOMENAGEM DE

Mead Johnson & Co. do Brasil

Pça. Ramos de Azevedo, 206-8.o

São Paulo

PRONTO SOCORRO N. S. CONCEIÇÃO

ACIDENTES - FRATURAS - REMOÇÕES DE PACIENTES PARA O INTERIOR. OXIGENIO À DOMICILIO - SANGUE RAIOS X - MÉDICOS DE PLANTÃO DIA E NOITE.

9-9999

RUA 21 DE ABRIL N.º 569